



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ

**ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso
católico em meados do século XX**

PICOS, PI
2016

MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ

**ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso
católico em meados do século XX**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, do Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, da
Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof.^a Ma. Mona Ayala Saraiva
da Silveira

PICOS, PI
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L979e Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo
Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o
discurso católico em meados do século XX / Marina Priscila
Lisboa Araújo Luz– 2016.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (78 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Mona Ayala Saraiva da Silveira.

1. Mulher Picoense-Século XX. 2. Mulher-Igreja
Católica. 3. Gênero. I. Título.

CDD 981.922



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao três (03) do mês de Março de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Marina Priscila Lisboa Araújo Luz** sob o título **ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^a Ma. Mona Ayala Saraiva da Silveira
Examinador 1: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador 2: Prof^a Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 03 de Março de 2016

Orientador (a): Mona Ayala Saraiva da Silveira
Examinador (a) 1: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador (a) 2: Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ

ENTRE MARIAS E EVAS: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof.^a Ma. Mona Ayala Saraiva da Silveira

Aprovada em: 03/03/2016

BANCA EXAMINADORA

Mona Ayala Saraiva da Silveira

Prof.^aMa. Mona Ayala Saraiva da Silveira (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí - CSHNB

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Prof.Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí - CSHNB

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Prof.^aMa. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí - CSHNB

A minha família, na qual encontro amor,
carinho, afeto, confiança e apoio.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final dessa longa caminhada acadêmica, não poderia deixar de agradecer a pessoas tão especiais que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da sabedoria e de pensar sempre positivo, não deixando que pessoas negativas chegassem até mim para me desanimar.

A meus pais, Francisco e Josefa, por não medirem esforços em prol da minha educação. Sou eternamente grata pelo carinho, amizade, dedicação, afeto, sabedoria, confiança e apoio nos momentos difíceis. Amor imenso por vocês.

À minha irmã, Vanessa, por ser a minha inspiração quando penso em desistir. Por me auxiliar em todos os momentos, fazendo dos meus sonhos as suas próprias metas. E aos meus sobrinhos, Leomir Filho e Anne Esther, pela alegria diária. Amo muito vocês!

À minha orientadora professora Mona Ayala, por ser tão acessível nos momentos de dúvida, pela dedicação e por todo conhecimento transmitido. Muito obrigada!

Ao professor Mairton Celestino, por ter me cedido a fonte principal do meu trabalho, que é o jornal O Dominical. Agradeço muito a disponibilidade.

Aos amigos de curso, por estarem sempre presentes nos momentos mais difíceis da caminhada acadêmica. Agradeço pelos momentos de risos e descontrações, pois fizeram desta árdua caminhada, muito mais prazerosa. Em especial ao meu grupo de seminário e trabalhos: Jéssica, Marinêz, Priscilla, Tássio e Cícero. Nosso grupo não é 10, é 1000!

A Eudys Abreu, uma pessoa muito especial, que me fez acreditar que tudo daria certo, por ser meu maior incentivador e por acreditar tanto no meu potencial, me fazendo ir mais além.

À Priscilla Saraiva, por quem cultivei uma linda amizade que levarei além UFPI. Obrigada por me acompanhar durante todos esses anos, desde o primeiro período até esse momento.

A Tonny César, amigo poeta e historiador, que ao longo do curso sempre se fez presente, me mostrando o melhor caminho a ser seguido.

À Cássia Araújo, amiga que esteve sempre presente nos momentos de sufoco. Obrigada pelas palavras positivas e por compartilhar comigo as minhas angústias e vitórias.

A Rogério Nunes, sempre tão preocupado com a minha pesquisa e com as minhas apreensões.

As minhas entrevistadas, pela cordialidade e por me darem o prazer de poder compartilhar de suas lembranças, chave principal da minha pesquisa.

A Seu Albano, que tanto colaborou nas pesquisas no acervo do Museu Ozildo Albano. Sempre tão gentil e solícito.

Enfim, ao chegar ao fim dessa longa caminhada, gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar como as mulheres picoenses contemporâneas em meados do século XX eram padronizadas, normatizadas e estereotipadas pela sociedade e principalmente pela Igreja Católica, como também analisar se essas mulheres se enquadravam ou não nessas perspectivas. Para a consecução desta análise, serão utilizados como aporte bibliográfico, os estudos de Pedro Vilarinho (2013), Luciana Pereira (2008), Carla Pinsky (2005), dentre vários outros autores da temática. Em relação à metodologia, a pesquisa baseia-se nos estudos de Thompson (1992) e Halbwachs (2006), sobre o método de História Oral e Memória, respectivamente, acerca de mulheres picoenses contemporâneas à época, bem como a análise das edições dos anos de 1948 a 1965 do jornal católico O Dominical. O referencial teórico utilizado fundamenta-se na perspectiva foucaultiana (1996) de Discurso, como também de Táticas e Estratégicas de Michel de Certeau (2009). Assim, foi observada na cidade de Picos Piauí, urbe interiorana, um contraste entre os antigos valores morais com a modernidade que chegava intensamente na vida da população, especificamente feminina.

Palavras-chaves: História. Igreja Católica. Mulheres.

ABSTRACT

This study aims to analyze how contemporary people from Pico women in the mid-twentieth century were standardized, standardized and stereotyped by society and especially by the Catholic Church, but also consider whether these women not fit or not these prospects. To achieve this analysis, will be used as bibliographic contribution, studies of Pedro Vilarinho (2013), Luciana Pereira (2008), Carla Pinsky (2005), among many other authors of the theme. Regarding methodology, the research is based on Thompson's studies (1992) and Halbwachs (2006), about the method of oral history and memory, respectively, about contemporary people from Pico women at the time, and the analysis of the issues the years 1948-1965 the Catholic newspaper the Sunday. The theoretical framework is based on Foucault's perspective (1996) remarks, as well as tactics and Strategic Michel de Certeau (2009). Thus, it was observed in the city of Piauí Picos, provincial metropolis, a contrast between the old moral values with modernity that came hard on people's lives, especially women.

Keywords: History. Catholic Church. Woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 01: Ozildo Albano diante dos escombros de sua residência.....	23
FOTOGRAFIA 02: Avenida Getúlio Vargas após as enchentes de março de 1960.....	24
FOTOGRAFIA 03: Fachada do Cine Spark na década de 1960.....	26
FOTOGRAFIA 04: Cecy Campos, 1958.....	27
FOTOGRAFIA 05: Banda Os Rebeldes. Década de 1960.....	28
FOTOGRAFIA 06: Banda Os Leões. Década de 1960.....	29
FOTOGRAFIA 07: Procissão religiosa na Praça Félix Pacheco, cerca de 1960.....	32
FOTOGRAFIA 08: Procissão do Cruzeiro, 1957.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CAPÍTULO 1	20
ANOS SESSENTA E SEUS ANTECEDENTES: ruptura de gerações, Igreja Católica e Mulher.	20
2.1 A deslumbrante década de 1960	21
2.2 Setor mais tradicional da sociedade: a Igreja Católica	29
2.3 O alvorecer da “Nova Mulher” em meados do século XX.....	34
3. CAPÍTULO 2	39
DISCURSOS NORMATIZADORES CATÓLICOS E O IDEAL DE MULHER	
PERFEITA: jornal O Dominical e fragmentos de memória.....	39
3.1 “ <i>O Dominical</i> é o jornal das famílias e dos católicos piauienses” : Imprensa Católica e o modelo ideal de família cristã.....	41
3.2 As diversas faces de Maria	45
3.2.1 Anjo da casa, rainha do lar.	46
3.2.2 Esposa cuidadosa, marido satisfeito.....	48
3.2.3 Mãe generosa, exemplo a ser seguido.	49
3.1.3 Moda e Moral.....	50
4. CAPÍTULO 3	55
EMANCIPAÇÃO FEMININA: sonhos de adolescente	55
4.1 As Evas	56
4.1.1 Sozinha por opção ou por consequência: as celibatárias.....	56
4.1.2 O olhar do “outro” sobre as meretrizes	61
4.2 Sonhos juvenis: entre o desejar e o realizar	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6. FONTES E REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	74

1. INTRODUÇÃO

Eu nunca fui uma mulher assim voltada só pra vida doméstica não. Eu gostava de sair, gostava de passear, gostava dos piqueniques, das tertúlias, gostava de viajar.¹

(Mundica Fontes)

Relatos como este da epígrafe acima levaram anos e anos para se constituir enquanto história, visto que as mulheres por muito tempo mantiveram-se caladas e suas histórias foram silenciadas ou até mesmo apagadas. Os motivos são diversos, e segundo Perrot², a ausência de relatos e fontes que retratassem a vida das mulheres constitui os silêncios mais profundos. Os primeiros historiadores priorizavam uma história generalizada, de grandes feitos, guerras profundas e homens importantes, restringindo a mulher ao ambiente privado e doméstico, ou ainda para exercer suas funções femininas relacionadas à reprodução e submissão ao homem.³

A sua aparição em meio público causava estranheza e medo para a sociedade e as próprias mulheres preservavam a sua participação em meio social, pois ainda existia um pudor feminino muito intenso, estritamente ligado à memória.⁴ Dessa forma, Perrot explica que “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos.”⁵

Mesmo assim, diante de tantas dificuldades, a partir de 1960 a mulher passou a ser protagonista de diversos estudos, primeiramente na Grã-Bretanha e Estados Unidos e logo em seguida na França⁶. É a partir deste momento que a História das Mulheres surge como categoria a ser analisada, abrindo possibilidades de pesquisas e discussões.⁷ Agora, as mulheres passaram a serem vistas e analisadas sob variados prismas, que vão desde as “Histórias da vida privada, da maternidade, do aborto, do amor, da prostituição, da infância,

¹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

² PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 17.

³ *Ibidem*, p. 18.

⁴ *Ibidem*, p. 22.

⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁶ *Ibidem*, p. 19.

⁷ Como forma de tentar alargar o campo do saber historiográfico, surge no século XX a Escola dos Annales, que através de sua gama de metodologias e novas perspectivas passa a contribuir significativamente para as pesquisas em história. É nesse momento que a História das Mulheres surge como categoria a ser analisada. Ver mais em: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

da família, das bruxas e loucas, das fazendeiras, empresárias, enfermeiras ou empregadas domésticas”⁸, dentre várias outras, como salienta Rago.

Assim, a partir desse momento, o campo intelectual aumentava consideravelmente, e o mundo acadêmico ganhava novos contornos e formas.⁹ Para Perrot “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”¹⁰, é perceber que as mulheres também são agentes históricos, não sendo destinadas a exercer seus papéis biológicos, relacionados à reprodução e em termos culturais, à submissão ao homem.

Acerca dessa ideia de determinismo biológico, foi a partir da consolidação da História das Mulheres como campo de análise do saber historiográfico, que as discussões de gênero também vieram à tona. De acordo com Scott¹¹, o masculino e o feminino devem ser entendidos como categorias indissociáveis e construídos culturalmente, ou seja, é uma contraposição ao determinismo biológico que ditavam os comportamentos em relação aos sexos masculinos e femininos. Complementando essa ideia, Rago diz que “Mulher e Homem, Criança, ou Trabalhadora, Prostituta, Louca, nesse sentido, deveriam deixar de ser pensados como naturezas biologicamente determinadas, aspecto que se observa em todas as outras construções de identidade.”¹²

Em termo nacional, a partir de 1970, as mulheres passaram a protagonizar os mais variados estudos e as discussões começaram a ganhar maior notoriedade, visto que anteriormente as pesquisas priorizavam uma história essencialmente masculina.¹³ Para Matos¹⁴, mesmo sendo uma época desfavorável, pois o Brasil encontrava-se em um período de autoritarismo político¹⁵, com restrição social e cultural, as mulheres “entraram em cena”, e passaram a ocupar os movimentos sociais contra o regime vigente.

⁸ RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história: descobrindo historicamente o gênero*. Edita: CNT – Compostela, 2012, p. 51.

⁹ Idem.

¹⁰ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Op. Cit., p. 16.

¹¹ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Vol. 2, nº 20, jul./dez. 1995.

¹² RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história: descobrindo historicamente o gênero*. Op. Cit., p. 53.

¹³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas*, p. 6

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ditadura Civil Militar (1964-1985).

Corroborando com o pensamento de Matos, para Scott¹⁶, o aumento gradativo dos movimentos feministas, já na segunda metade do século XX, foram fundamentais para que a história das mulheres se consolidasse como campo do saber historiográfico. Dessa forma, as mulheres passaram a ter suas experiências, vidas e expectativas reconstruídas, sendo considerada a particularidade de cada uma¹⁷. Matos analisa:

Enfrentando a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” enquanto identidades únicas (a-histórica e essencialista), buscou-se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulheres não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, raça/etnia, nacionalidade, geração, crença religiosa e ocupação devem ser ponderados e entrecruzados num desafio de desvendamento que evitem tendências a generalizações.¹⁸

Assim, a mulher não é apenas igualada e comparada aos homens, mas sim deve ser analisada também de acordo com as suas peculiaridades, sem que haja generalizações e formação de estereótipos. Se antes, as mulheres eram excluídas, hoje lutam pela legitimação do campo frente aos paradigmas universalizantes.¹⁹

Através dessa discussão, surge o objetivo da monografia: contribuir para a História das Mulheres brasileiras, especificamente das mulheres da cidade de Picos - Piauí. A pesquisa objetiva analisar como as mulheres picosenses contemporâneas a meados do século XX eram padronizadas, normatizadas e estereotipadas pela sociedade e principalmente pela Igreja Católica, que se constituía como a principal instituição de regulação social na época, como também, analisar se essas mulheres se enquadravam ou não nesses discursos normatizadores. Sobre a época escolhida, observa-se a partir da pesquisa um denso contraste entre as permanências de tempos de outrora, com as novidades que chegavam de forma intensa na vida da população, o que começou a marcar de forma significativa a cidade de Picos.

Como cenário da pesquisa, escolhi enveredar por uma história local, pois nasci na cidade de Santa Cruz do Piauí²⁰, entretanto fui criada desde a infância na cidade de Picos²¹, que fica localizada no centro-sul do Piauí. O recorte temporal escolhido para a pesquisa foram

¹⁶ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-96.

¹⁷ Matos, Maria Izilda. *História das mulheres e das relações de gênero*. Op. Cit. p. 6

¹⁸ Ibidem, p. 7-8

¹⁹ Ibidem, p. 11.

²⁰ Situa-se na região centro-sul do Piauí. É uma cidade bem pequena, desmembrada de Oeiras-PI em 1956.

²¹ Situa-se na região centro-sul do Piauí. A forte economia aliada ao seu posicionamento geográfico lhe confere a condição de pólo comercial no Piauí, especialmente para combustíveis e mel.

as décadas de 1950 e 1960, justificando o fato destas décadas terem representado um período de intensas transformações sociais, culturais e religiosas na cidade de Picos - Piauí. O interesse pela temática surgiu pela inquietação em entender como a Igreja Católica atuava na cidade de Picos, principalmente sobre a vida das mulheres, e como estas reagiam a tantas normatizações.

Para prosseguir a pesquisa, foi realizada uma análise bibliográfica de textos, livros e artigos que discutem sobre a história das mulheres, bem como um referencial teórico que trabalha a história da Igreja Católica e a condição feminina na época. Pesquisar sobre mulher e Igreja Católica incorpora importantes questões de cunho social e acadêmico e o acervo historiográfico da cidade de Picos – PI ainda carece de relevantes pesquisas que possam resgatar a memória da cidade e de seus sujeitos, pois são através das memórias dos habitantes, postas no papel, que a memória da cidade vai sendo construída e consolidada.

Logo em seguida, procurar informações de como a Igreja Católica atuava na cidade de Picos – PI na época se fez importante, então a visita à Casa Paroquial da Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Igreja Matriz) foi realizada, mas de acordo com a direção, os documentos, como os Livros de Tombo e Atas foram perdidos na reforma da Igreja Matriz que aconteceu nos anos setenta. Não conseguindo as informações que eram necessárias para a pesquisa, a visita ao Museu Ozildo Albano se fez necessária, onde houve o contato com várias fotografias e informações acerca do período.

Uma pesquisa realizada no Arquivo Público do Piauí, localizado na cidade de Teresina - PI, também se fez importante, pois a principal fonte do trabalho é o jornal católico *O Dominical*, que era um periódico semanal pertencente à Diocese de Teresina, que circulou de 1937 a 1971. Porém, no arquivo só constavam as edições dos anos de 1953 e 1954. Como solução para a pesquisa, o Prof. Me. Mairton Celestino disponibilizou todas as edições²² que constavam em seu acervo particular.

Para complementar o uso dos jornais, a modalidade escolhida para a realização da pesquisa foi a de História Oral, que apoia-se na perspectiva de Paul Thompson. Para Thompson, “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”²³, amparada pelos estudos de Halbwachs²⁴ e sua noção de memória coletiva, no

²² Foram analisadas todas as edições dos anos de 1948 a 1965.

²³ PAUL, Thompson. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 137.

sentido de perceber o indivíduo pertencente a um grupo, onde suas lembranças perpassam pela coletividade. Assim, nesta pesquisa, foram utilizados depoimentos orais de mulheres picoenses, das diversas camadas sociais, que viveram a sua juventude na cidade de Picos, nas décadas de 1950 e 1960. São elas: Maria Gonçalves Leal²⁵, Raimunda Fontes de Moura²⁶, Angelina Maria de Oliveira²⁷ e Catarina de Carvalho Leal²⁸.

Para melhor compreender o recorte temporal da pesquisa, foram utilizados os estudos de Edwar Castelo Branco, em especial a introdução e o primeiro capítulo da sua obra *Todos os Dias de Paupéria*²⁹, onde ele discute, em termos nacionais, sobre a década de 1960 e suas diversas transformações. Em termos locais, os estudos de Karla Oliveira, *A geografia dos desejos*³⁰, se fazem importante no sentido de compreender como a cidade de Picos recebeu os anos sessenta e como eram as relações de gênero e as sociabilidades em uma cidade interiorana. Auxiliará na compreensão acerca do conservadorismo de valores morais, sobretudo ligados à figura feminina.

A dissertação de mestrado *A Igreja Católica em “tempos mundanos”: a luta pela construção de uma neocrisandade em Teresina (1948 – 1960)*³¹, de Luciana de Lima Pereira, trouxe perspectivas de compreensão sobre como a Igreja começou a lutar contra o mundo moderno, pois temia perder seu espaço e a principal forma de ordenamento social era baseada na formação familiar nos moldes da Família Sagrada. Além disto, a autora propõe toda uma discussão acerca da emancipação feminina como causadora dos males que a sociedade estava enfrentando, como o divórcio e o fim do casamento tradicional.

²⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

²⁵ Maria Gonçalves Leal nasceu no povoado de Picos, conhecido como Boa Vista. É professora aposentada e atualmente é dona de casa. Possui 76 anos e é viúva. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

²⁶ Raimunda Fontes de Moura nasceu no povoado de Picos, conhecido como Lagoa Grande. É professora aposentada e atualmente é coordenadora de projetos culturais no Colégio Santa Rita. É conhecida popularmente na cidade de Picos – PI como Mundica Fontes. Possui 68 anos e é solteira. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

²⁷ Angelina Maria de Oliveira nasceu em Santa Cruz do Piauí e veio para Picos - Piauí aos nove anos de idade. Era empregada doméstica e hoje em dia é dona de casa. Possui 76 anos e é casada. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

²⁸ Catarina de Carvalho Leal nasceu no antigo povoado de Picos, chamado Sussuapara (hoje em dia é um município, desmembrado de Picos em 1995). É costureira aposentada e atualmente é dona de casa. Possui 77 anos e é solteira. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

²⁹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

³⁰ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 78 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. Orientada pela Prof^{ma} Marylu Alves de Oliveira.

³¹ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”: a luta pela construção de uma neocrisandade em Teresina (1948-1960)*. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2008. Orientada pela Prof^{dra} Áurea da Paz Pinheiro.

O livro *Mulheres Plurais*³² bem como o artigo *Catolicismo e relações familiares*³³, ambos de Pedro Vilarinho, auxiliará na compreensão acerca dos modelos tradicionais femininos, de ocupar papéis naturais de esposa, mãe e dona de casa, como também abrirá uma discussão sobre as novidades do mundo moderno, a respeito dos papéis desviantes, como as mulheres solteiras, e a reação do pensamento tradicional, sobretudo a Igreja Católica, sobre esses novos padrões comportamentais que estavam surgindo no início do século XX.

Na pesquisa, a mulher será analisada por dois caminhos, um de consolidação da feminilidade e o outro de maior fluidez e liberdade, tendo como base teórica os estudos de Carla Pinsky. O primeiro caminho é estudado no artigo *A era dos modelos rígidos*³⁴, onde será feita uma análise acerca do “destino natural” em que as mulheres estavam inseridas, limitando-se a serem mãe, dona de casa e esposa, características estas que são padronizadas e normatizadas pela sociedade e principalmente pela Igreja Católica. Já o artigo *A Era dos modelos flexíveis*³⁵ faz menção ao segundo caminho, onde a mulher é protagonista direta das suas vontades, e os anos rebeldes (1960) marcariam o início desse momento.

Sob a perspectiva ceriteuniana, através da obra *A invenção do Cotidiano*³⁶, utilizou-se os conceitos de Estratégia e Tática para embasar teoricamente a pesquisa. Para Certeau, estratégia é tida como uma forma de autoridade, e pode ser representada por uma instituição ou até mesmo por um único indivíduo que possui status de ordem dominante, sendo a Igreja Católica a instituição dominante em questão. A tática por sua vez é apresentada pelo teórico como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis, ou seja, são os indivíduos dominados executores das ações, e no trabalho em questão remetem às mulheres picoenses das décadas de 1950 e 1960.

Para a compreensão do conceito de Discurso foi feito a análise do livro de Michel Foucault, *A Ordem do Discurso*³⁷. Para Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo que se luta, o poder que queremos

³² CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

³³ _____. *Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX*. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

³⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. *A era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 469-512.

³⁵ _____. *A era dos modelos flexíveis*. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 513-543.

³⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

³⁷FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.

nos apoderar”³⁸. Nesse sentido, faz-se necessário esta análise, pois a pesquisa tem como aparato os discursos produzidos pela Igreja Católica como forma de legitimação sobre a mulher picoense.

Ao longo do trabalho, o objetivo é responder tais questionamentos: como as transformações oriundas de meados do século XX implicaram na construção do novo sujeito social-mulher? Como os discursos dominantes corroboram para legitimar os papéis da mulher frente à sociedade? Quais emancipações femininas foram encontradas na cidade de Picos nos anos sessenta?

Assim, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo será feita uma análise acerca dos anos sessenta e suas diversas transformações, em termos nacionais e locais. Embora a pesquisa prime por meados do século XX, não tendo uma década específica e fechada de análise, a década de 1960 foi escolhida porque é a época de maior desenvolvimento social na cidade de Picos, de acordo com as lembranças das depoentes. Foi o momento em que Picos conseguiu se reestruturar após uma catástrofe natural, que foram as enchentes de março de 1960, e que deixaram marcas profundas na memória da população. Ainda será feito um estudo sobre as mudanças na Igreja Católica e no ser mulher na época.

O segundo capítulo versará sobre os discursos normatizadores da Igreja Católica sobre o modelo ideal de mulher, sendo ela mãe, esposa e dona de casa, amparados principalmente pela imprensa, com o uso do Jornal *O Dominical*, fazendo um paralelo ou ainda um contraponto com os depoimentos orais das entrevistadas. Por fim, no terceiro capítulo discutiremos se houve ou não uma emancipação feminina em Picos, como também uma análise acerca das mulheres tidas como transgressoras para a época.

Adentremos agora para um ambiente marcado por diferenças e semelhanças, sociedade tradicional e conservadora, preconceitos e liberdades, Marias e Evas: a “Picos feminina” de meados do século XX.

³⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996. P. 10

2. CAPÍTULO 1 - ANOS SESSENTA E SEUS ANTECEDENTES: ruptura de gerações, Igreja Católica e Mulher.

A década de 1950 e, sobretudo de 1960, foram marcadas por diversas transformações políticas, sociais, religiosas e principalmente culturais em cenário mundial. Assim como estas, alguns pilares que constituem a sociedade também se modificaram, como a Igreja Católica, que ainda possuía uma grande influência sobre a vida da população. Paralelo a isto, os comportamentos também se modificaram e a modernização, em moldes norte-americanos, chegava de forma impactante na vida da população.³⁹

No Brasil, especificamente na cidade de Picos – Piauí, essas mudanças também tiveram marcas profundas, principalmente nos comportamentos juvenis, que recebiam as influências de forma bastante positiva, como forma de liberdade e rompimento de padrões.⁴⁰ Porém, de acordo com as lembranças das depoentes, tais mudanças não foram recebidas de forma única por todos os segmentos da sociedade, visto que havia grandes disparidades econômicas, sociais e de gênero, ou seja, cada picoense teve a sua vida afetada de maneira única e particular.

Ao analisar as fontes, observa-se que a dinâmica piauiense não era homogênea com a do restante do Brasil, pois o país possui uma heterogeneidade marcante entre suas regiões, considerando o Sul e Sudeste as áreas mais desenvolvidas, por receber de forma mais rápida as transformações. Todavia, mesmo sendo uma urbe interiorana, foi perceptível a ocorrência de tais influências, ainda que de forma superficial.

Os anos cinquenta e essencialmente sessenta são lembrados com bastante saudosismo e nostalgia pelas depoentes da pesquisa, pois remonta a uma época marcada por uma catástrofe natural, ocorrida logo nos primeiros meses do ano de 1960. As enchentes marcaram significativamente a estrutura da cidade e permaneceram vivas na memória da população picoense. A transição entre uma cidade arcaica, com ambientes desestruturados, para uma cidade mais sólida e moderna, de fato só se consolidaria após a calamidade.

Considerando tais aspectos, este capítulo tem como objetivo propor uma análise contextual acerca das transformações ocorridas durante meados do século XX, em termos

³⁹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 78 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. Orientada pela Prof.ª Ma. Marylu Alves de Oliveira p. 11.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 12.

nacionais e locais, onde o primeiro tópico versará especificamente sobre os anos sessenta, pois foi a década que, de acordo com os depoimentos orais, mais marcaram a cidade de Picos. Os demais tópicos falarão sobre as mudanças na Igreja Católica e no ser mulher na época, respectivamente.

2.1 A deslumbrante década de 1960

De acordo com Velloso⁴¹, estudar modernidade é antes de tudo algo bastante complexo, pois há uma relação bastante intrínseca entre o presente e o passado histórico. O que antes era tido como moderno, com o passar do tempo passa a ser ultrapassado e “a cada nova época são criados novos valores, inventos e denominações”⁴². Assim aconteceu com os anos sessenta, a década das transformações e rupturas de gerações, seja em plano nacional como local. O que antes era considerado novo passou a ser tido como velho, abrindo espaço para novas possibilidades, sujeitos históricos e vivências.

As inovações tecnológicas começaram a fazer parte do dia-a-dia da sociedade brasileira com maior intensidade. As notícias do que acontecia no mundo chegava de forma mais eficiente na casa dos brasileiros através da televisão, mesmo que ainda de forma tímida, pois o rádio ainda era o meio eletrônico mais utilizado pela população na época. Havia também o cinema, que era inspirado em modelos hollywoodianos, que influenciava o modo de ser, agir e até de se vestir da população.⁴³

As roupas por sua vez também se modernizaram, o uso da minissaia em algumas regiões brasileiras, principalmente no eixo Sul-Sudeste, passou a fazer parte da vida das jovens mulheres da época. Não obstante Igreja Católica, como principal instituição reguladora e padronizadora, reprimia fortemente as inovações, pois tais vestimentas permitiam a erotização do corpo, que era o passo direto para o inferno.⁴⁴ Assim Castelo Branco pontua essa ideia:

As minissaias – provavelmente a peça síntese da roupa jovem de então – promoveriam uma erotização dos corpos que teria reflexos em diferentes âmbitos do social. Isto explicaria a reação de setores como a Igreja Católica, que fez afixar nas portas das igrejas advertências que colocavam as

⁴¹ VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção História &... Reflexões, 14), p. 11.

⁴² Idem.

⁴³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália*. 2004. 289 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco: Recife, 2004, p. 49-50.

⁴⁴ Ibidem, p. 58.

minissaias e o céu como antípodas entre as quais era preciso optar. O uso da minissaia equivaleria – na época e do ponto de vista da igreja – a uma opção pelo inferno.⁴⁵

Os anos sessenta foram a década de rompimento de padrões e gerações. O novo passou a permear o pensamento jovem causando euforia e rebeldia. Foi a partir da década de 1960 que os jovens, principalmente as mulheres passaram a se consolidar ainda mais enquanto sujeitos sociais, donas de suas próprias vontades, indo contra o pensamento dominante, havendo assim um constante embate entre o “lado de dentro” e o “lado de fora”, ou seja, ser pertencente ou não a essa nova onda de transformações e abstrações das coisas.⁴⁶ Assim, para os setores dominantes da sociedade, “estar por fora era não habitar o universo de nomes estabelecidos”⁴⁷, construídos culturalmente e socialmente, era romper com os padrões e tornar-se pertencente ao lado de fora.

Os sujeitos também mudaram, e de acordo com Castelo Branco havia duas definições para os corpos, sendo eles: “corpo-transbunde-libertário” e “corpo-militante-partidário”. Os primeiros seriam a geração rebelde, que utilizavam calças boca de sino, cabelos compridos, roupas coloridas e linguagem descolada, fugindo dos padrões ditados pela sociedade. Já o segundo seriam os jovens mais engajados na política, que estavam preocupados com as decisões políticas e sociais que o Brasil estava tomando, anulando o uso do corpo no cenário político e social. Sendo assim, “o corpo-transbunde-libertário, requebrante, desbundado, é um contraponto a este corpo militante.”⁴⁸

Embora muitos sujeitos sociais tenham permanecido fieis as tradições, a maioria da população jovem mudou. Os novos estilos de vida causavam estranhamento, mas ao mesmo tempo aguçava a curiosidade e os sonhos mais profundos dos jovens, que até então eram impossíveis de se realizar. O exagerado passou a compor o social da época.⁴⁹

Outro fato bastante interessante de analisar são as músicas da época, que eram absorvidas pelos jovens como uma forma de fuga identitária⁵⁰, onde passavam a questionar

⁴⁵ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália*. Op. Cit. p. 58.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 83.

⁴⁹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália*. Op. Cit. P. 57

⁵⁰ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. Cit., p. 11.

antigos comportamentos, regras e valores. Os estilos norte-americanos, com a introdução da guitarra elétrica, também agitavam a população jovial brasileira. A geração do iê-iê-iê (como também Jovem Guarda e movimento Tropicalista), como era denominada os amantes do *rock'nroll* brasileiro dos anos sessenta, inspirados em nomes como *Beatles*, agitavam as noites através dos seus estilos despojados e inspiradores. A partir deste momento, houve uma renovação da música brasileira, tanto em estilo musical como comportamental.⁵¹

Em termos locais, Picos – Piauí, mesmo sendo uma cidade interiorana, longe dos grandes centros sociais e culturais, também viveu profundamente os anos sessenta. Logo no início da década, em março de 1960, aconteceu uma catástrofe natural que destruiu a cidade de forma calamitosa. A população ribeirinha teve suas casas invadidas pelas águas do Rio Guaribas, causando a morte de várias pessoas, animais, lavouras perdidas e várias residências destruídas, deixando muitas pessoas desabrigadas⁵², como apresenta a fotografia 01, onde mostra Ozildo Albano diante dos escombros de sua residência na Avenida Getúlio Vargas, 285. A fotografia 02 também demonstra o quão foram devastadoras as enchentes de Picos no ano de 1960, mostrando a Avenida Getúlio Vargas cheia de lama após a catástrofe.



Fotografia 01: Ozildo Albano diante dos escombros de sua residência.

Fonte: Foto Varão (Arquivo do Museu Ozildo Albano)

⁵¹ MEDAGLIA, Júlio. *Iê-iê-iê, alegria, alegoria*. Revista Cult (UOL). Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/ie-ie-ie-alegria-alegoria/>. Último acesso em 16 dez. 2015.

⁵² Portal Genealógico da Família Luz. Disponível em: http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoshistoricos.php. Último acesso em 16 dez 2015.



Fotografia 02: Avenida Getúlio Vargas após as enchentes de março de 1960.

Fonte: Foto Varão (Arquivo do Museu Ozildo Albano)

Acerca das enchentes, ao perguntar como Raimunda (Mundica) Fontes⁵³ sentiu a chegada das décadas de 1960 na cidade de Picos, ela relembra:

Foi no tempo das inundações em Picos, que minha casa caiu, que a cidade toda de Picos ficou submersa. Só restou só o quadro da feira, muitos se refugiaram na Igreja, teve pessoas gestantes que ficaram na Igreja, tiveram filhos na igreja, né! Ai deram a luz na igreja, teve até uma mãe de gêmeos que teve dentro da Igreja. Ai ficou só aquele quadro da feira, a praça, a Rua Santo Antônio, Rua São José, essas ruas todas as casas caíram. [...] Depois de sessenta a cidade passou a ter uma outra roupagem, ela foi crescendo, porque veio essa tragédia, essa catástrofe para melhorar a cidade. As casas antigas passaram a ter a estrutura mais sólida, porque passaram a usar o cimento e ferros, pois sabiam que podia ter outras cheias, ai se preveniram mais, construíram casas mais novas, tiraram aquela estrutura de casas antigas.⁵⁴

Embora as enchentes tenham destruído o cenário picoense na época, a cidade logo conseguiu se reerguer. As casas passaram a ter uma estrutura mais reforçada, assim como as ruas e os ambientes sociais também. Para Mundica Fontes “foi uma mudança muito grande os anos sessenta, trouxe muitas mudanças”.⁵⁵ Complementando a fala de Mundica Fontes, o Pe. Luís Soares, em visita a Picos, escreve ao Dominical:

⁵³ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

Nas minhas andanças pelo interior, pousei três dias em Picos. Para falar a verdade, eu guardava desta cidade melancólica lembrança. Por ela transitara certa vez, como gato por brasa. E o que meus olhos viram, de relance, foi uma cidade desarrumada e desarticulada, parcialmente destruída pelas catastróficas inundações de 1960. Volto agora a Picos. E o que vejo é uma cidade que se recupera. Que se reconstrói. Que se levanta. Que avança. Sozinha. Sem o auxílio de ninguém. Como um organismo enfermo que reage e se reconstitui por si mesmo, sem os recursos da medicina.⁵⁶

Desse modo, reforçando o pensamento de Mundica Fontes acerca das enchentes, aos olhos do Pe. Luís Soares percebe-se que Picos conseguiu se reerguer de forma impressionante após as catástrofes, alcançou o progresso em meio ao caos. Soares escreve ao jornal, com bastante alegria:

Alegra-nos, pois constatar que Picos cresce. E cresce harmoniosamente. De mãos dadas caminham religião, educação, agricultura, indústria, comércio, saúde e recreação. Picos integram-se plenamente no ritmo do progresso que caracteriza a nossa civilização. Mas o progresso de Picos tem alma: é, sobretudo, humano e cristão.⁵⁷

Em relação às inovações tecnológicas, o rádio ainda permeava nas residências picoenses. De acordo com Oliveira⁵⁸, o rádio aguçava o imaginário das moças, que não conseguiam ver, mas conseguiam ouvir e imaginar como seriam os locutores de rádio e até mesmo as novelas, resultando assim em sonhos para as jovens picoenses, ao se imaginarem vivendo os amores das novelas ou até mesmo conhecendo os cantores e locutores famosos na época. Já a televisão só chegou a Picos em 1972, e ainda possuía imagem e som ruins e nem toda família podia possuir uma, pois era um item eletrônico muito caro.⁵⁹

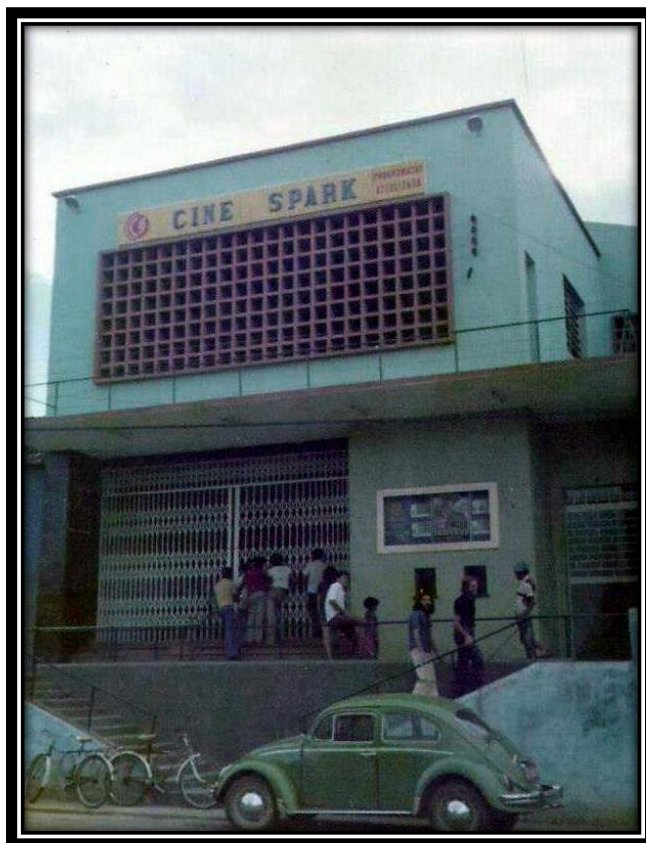
O cinema também se fez presente na cidade de Picos – PI, o Cine Spark foi inaugurado em 1964, como mostra a fotografia 03:

⁵⁶SOARES, Pe. Luís. Picos em Foco. *O Dominical*. Teresina, ano XXIX, nº 43, 15 nov. 1964, p. 2.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. Cit., p. 43.

⁵⁹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.



Fotografia 03: Fachada do Cine Spark na década de 1960.

Fonte: Arquivo Pessoal de Manoel de Souza Martins.

Além do Cine Spark, outros cinemas também existiram na cidade de Picos em épocas antecedentes, como o Cine Guarany e o Cine Ideal, que funcionava onde hoje é o Banco do Brasil⁶⁰. Mas de fato, o cinema que mais teve expressão na cidade de Picos - PI e que esteve mais fortemente presente na memória dos agentes sociais da pesquisa foi o Cine Spark que reproduzia filmes dos mais variados gêneros⁶¹. Era mais uma possibilidade de diversão para os jovens como também uma forma de estar cada vez mais antenado com o que acontecia no restante do mundo, mas vale ressaltar que as produções não chegavam a Picos concomitantes as produções em grandes centros urbanos, havendo um considerável atraso na sua chegada.⁶²

As roupas também se modernizaram, mas de forma lenta para as picoenses. Enquanto as moças das grandes cidades já estavam usando a minissaia como peça

⁶⁰ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. Ed. Ver. Ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995, p. 39.

⁶¹ LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidades em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade federal do Piauí: Picos, 2012. Orientada pela Prof.ªMa. Marylu Alves de Oliveira.

⁶² OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. Cit. p. 38.

fundamental, o que se observa através das fontes é que as jovens picoenses ainda eram bem recatadas, salvo algumas exceções. O motivo para tanto pudor, eram as regras de conduta que a Igreja Católica ditava, não permitindo que as moças usassem roupas curtas, pois não podiam mostrar as pernas, nem os ombros, nem o colo. Essa diferença regional demonstra mais uma vez o quanto a heterogeneidade social e cultural brasileira é grande. A senhora Catarina Leal comentou que quando ia para a igreja:

Tinha que ir de *roupa* de manga e quando tinha uma roupa de manga cavada fazia um bolerozinho, porque tinha uns padres aqui que não aceitava. Se a gente fosse à missa sem manga, o padre David (*Ângelo Leal*) colocava pra fora da Igreja. A mim não, nunca aconteceu.⁶³ [grifo nosso].

Nota-se assim que além da sociedade em geral, a Igreja se constituía como o principal órgão regulador de comportamento, quem fosse contra as regras de conduta eram convidados a se retirar da instituição. Moda e moral andavam intrinsecamente juntas, e o modo de se vestir demonstrava a índole da mulher, se estas eram moças de família, respeitadas e honradas ou simplesmente mulheres perdidas, chamadas de meretrizes⁶⁴. A fotografia 04 dá uma ideia de como eram as roupas femininas em Picos - Piauí nos anos cinquenta e sessenta:



Fotografia 04: Cecy Campos, 1958.
Fonte: Acervo do Museu Ozildo Albano.

⁶³ LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

⁶⁴ De acordo com o dicionário Aurélio: mulher que pratica sexo em troca de dinheiro; prostituta.

As roupas femininas na época abriam diversas possibilidades de análise. Na fotografia 04, demonstra, aparentemente, uma moça de família de classe alta na época, devido os bons tecidos e o modo de combinação das peças. Embora Picos fosse uma cidade interiorana, as jovens queriam seguir os padrões que viam nos cinemas, mas tudo era modificado de forma lenta e gradual. A imagem que ainda fazia parte do cenário picoense era de moças bem vestidas de acordo com as normas da época, como demonstra na fotografia acima. O medo ainda pairava no pensamento feminino, visto que quem usava roupas curtas, mostrando as pernas eram consideradas mulheres perdidas, o que era temido pela maioria das jovens de família da época.

Em relação à produção musical, havia duas bandas populares na cidade de Picos na época em questão, *Os Rebeldes* e *Os Leões*, que agitavam as noites picoense, com seus sons embalados pela guitarra elétrica. De acordo com Brito, “A banda Os Rebeldes faz parte das recordações de grande parte dos jovens picoenses e de cidades no entorno de Picos que viveram os anos sessenta”⁶⁵, sendo influenciados pelos *Beatles* e *Rolling Stones*. Havia também a banda Os Leões, que constituíam a primeira banda eletrificada da cidade de Picos, sendo também influenciada pelos *Rolling Stones*, *The Fevers*, *The Jordans*, *The Pops* e *The Beatles*⁶⁶. As fotografias 05 e 06 mostram as bandas, Os Rebeldes e Os Leões respectivamente, em uma de suas apresentações:



Fotografia 05: Banda Os Rebeldes. Década de 1960.

Fonte: Arquivo Pessoal de Cristina Varão.

⁶⁵BRITO, Nilvon Batista de Sousa. *Contracultura, oralidade e transgressão no interior do Piauí (1960/1970)*. Picos-PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros – Picos, 2011, p. 10.

⁶⁶ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. 2011. 48 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí – Campus Sem. Helvídio Nunes de Barros – Picos, 2011, p. 24.



Fotografia 06: Banda Os Leões. Década de 1960.
Fonte: Arquivo Pessoal de Cristina Varão.

Pensar a década de 1960 é pensar em uma Picos abraçando a modernidade. É pensar nos desvios de padrões, em uma sociedade cheia de sonhos e desafios. É pensar também nas reações contrárias à modernidade, principalmente do setor mais tradicional da sociedade da época, a Igreja Católica, que temendo perder sua popularidade passou a ditar regras para continuar formando moças ideais para constituir casamento em moldes cristãos, longe do mundano e da modernidade que se aproximava ao profano.

2.2Setor mais tradicional da sociedade: a Igreja Católica

No século XIX, a Igreja Católica estava intimamente ligada ao Estado através do regime de Padroado, onde conferia ao Estado o direito de intervir nos assuntos religiosos sempre que necessário, tirando a autonomia e poder de decisão das relações católicas.⁶⁷ Não satisfeita com tal situação, o principal objetivo da Igreja Católica passou a ser o de possuir liberdade religiosa frente ao Estado e a sociedade, mas sem que houvesse uma ruptura total de relações entre as duas instituições.⁶⁸ De acordo com Pereira, “a harmonia entre as duas instituições viria, exatamente, da respeitabilidade às competências de cada uma das

⁶⁷ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. 248 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2008. Orientada pela Prof^ªDr^ª Áurea da Paz Pinheiro, p. 20

⁶⁸ Idem.

instituições sem intervencionismos”⁶⁹, e a educação católica formadora de cidadãos obedientes e respeitosos seria o ponto ordeiro para uma sociedade mais organizada e harmoniosa.

Assim, o principal objetivo da Igreja Católica era no sentido de propor uma harmonia entre as duas instituições como forma de ordenação social. A Igreja sempre tão tradicional ditava regras e normas, garantindo o bom comportamento da população e consequentemente garantindo a harmonia do Estado. Tendo como base os princípios da fé católica, seria muito mais fácil controlar uma sociedade que foi educada para se comportar com base em valores cristãos para assim manter o controle do que era certo ou errado, sempre respeitando os limites de cada instituição.⁷⁰

Já no final do século XIX, com a proclamação da República em 1889, a Igreja Católica separou-se do Estado, pondo fim ao Regime de Padroado, como também o fim do catolicismo como religião oficial do Estado, abrindo espaço para a pluralidade religiosa. Isto resultou em um período de crise espiritual e estrutural e a Igreja temeu perder espaço em meio à sociedade.⁷¹ Segundo Mainwaring:

[...] [o] desmembramento legal libertou a Igreja de uma relação de subserviência ao Estado. O fato de sentir-se ameaçada levou a Igreja a realizar reformas internas que ajudaram a melhorar sua imagem. Auxiliada por um novo fluxo de clero estrangeiro, a Igreja começou a reverter à decadência institucional das décadas anteriores. As ordens religiosas [...] começaram a recrutar e a importar novos membros. Foram criadas novas dioceses e o controle episcopal sobre as atividades clericais cresceu.⁷²

Então, com o advento da República, os membros da Igreja Católica começaram a se reaproximar do Estado para se manterem fortes frente à sociedade. No Piauí, também houve um reordenamento na estrutura religiosa, onde esta passou a ser mais hierarquizada, em moldes ultramontanos, com controle mais rígido sobre as práticas cotidianas da sociedade⁷³. Toda essa reorganização na estrutura católica se deu pelo fato das ideias modernistas estarem chegando de maneira rápida e forte na vida da população e, além disso, ainda havia uma

⁶⁹ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. cit., p. 20.

⁷⁰ Idem

⁷¹ Ibidem, p. 21.

⁷² MAINWARING, apud PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. cit., p. 42.

⁷³ PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo*: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011.

ameaça externa, o comunismo, que era tido pela Igreja Católica como um adversário incompatível da moralidade cristã tradicional. Seu principal alvo era o pilar básico da Igreja Católica e da sociedade, a família, levando-a para os caminhos do pecado e dos crimes que eram inconciliáveis com os valores cristãos.⁷⁴

Ao se reaproximar do Estado, como forma de se fortalecer frente à sociedade, a Igreja Católica passou a difundir regras de comportamento como forma de preparar bons cidadãos, o que seria de extrema importância também para o Estado. Então, a igreja era entendida como um poder espiritual, colaborando juntamente com o Estado na manutenção da ordem social⁷⁵. O principal mecanismo utilizado para tal ação era a regulamentação da família aos moldes católicos, com princípios voltados para a fé católica. Com base em Pereira:

Dentre as suas estratégias de restauração do catolicismo na sociedade estava a regulação das famílias para manter um espaço social ordeiro. O núcleo familiar era apresentado pela igreja católica, desde o século XIX com a Reforma Católica, como uma estratégia para “trazer o povo a uma vivência mais profunda da fé”. E para isso era necessário “preservar a estrutura familiar da influência das novas idéias liberais que começavam a se difundir no Brasil com o processo de urbanização e a afirmação progressiva da burguesia no cenário nacional”. A Igreja além de apresentar a família como um importante núcleo de revigoração da fé, ainda era posta como base social para a formação de cidadãos.⁷⁶

A família era o principal pilar da Igreja Católica e tudo que tentasse romper o padrão familiar cristão, com a ideia de pai, mãe e filhos, como o divórcio e o afastamento da mulher do seio familiar; eram combatidos fortemente pela Igreja Católica. O divórcio em especial era visto com maus olhos pela Igreja, era tido como o mal da sociedade moderna, como nota-se em alguns meios impressos que circulavam no Piauí na época em questão. A Igreja utilizava da indústria midiática para aconselhar a população sobre este mau do século, como por exemplo, o texto abaixo, publicado no jornal *O Dominical*:

O divórcio não encontra amparo no meio social brasileiro. A grande maioria da comunidade patricia guarda o sentimento de honra das nossas tradições cristãs. Em toda parte, na vasta extensão do nosso território, de um extremo a outro do país, o povo bom e fiel à Igreja repele a idéia da dissolução do vínculo matrimonial.⁷⁷

⁷⁴MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. – (Estudos; 180), p. 62-63.

⁷⁵PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. cit., p. 21

⁷⁶Ibidem, p. 24

⁷⁷CONTRA O divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 18. 01 maio 1960, p. 2.

Textos como este eram em quase todas as edições reforçados, a fim de aconselhar os cristãos a irem contra a lei que poderia ser aprovada, pois assim dissolveria o principal sustentáculo da Igreja Católica: a família cristã tradicional.

Em termos locais, através das memórias das depoentes, conclui-se que a sociedade picoense sempre foi muito católica e este fato ainda era mais forte na época. O catolicismo predominava nas relações, perpassando por geração em geração, sendo este muito tradicional incluindo crenças e práticas católicas. Eram comuns as procissões, festejos da padroeira Nossa Senhora dos Remédios, além de grupo de oração, de jovens e de ressocializações.

Em 1960, os picoenses podiam frequentar duas igrejas, sendo elas: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (a Igrejinha⁷⁸), que é a primeira Igreja de Picos, erguida ainda no século XIX, em 1828, pelos portugueses das famílias Borges Leal e Borges Marinho. E a segunda é a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, que recebe o nome da padroeira da cidade de Picos-PI.⁷⁹ Além da frequência às missas na época, havia também as procissões e demais eventos religiosos, que podem ser observados nas fotografias 07 e 08 a seguir:



Fotografia 07: Procissão religiosa na Praça Félix Pacheco, cerca de 1960.

Fonte: Foto Varão (Arquivo do Museu Ozildo Albano)

⁷⁸ Nome dado afetivamente pela população da região.

⁷⁹ Portal Genealógico da família Luz. Disponível em: http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoshistoricos.php. Último acesso em: 17 dez 2015.



Fotografia 08: Procissão do Cruzeiro, 1957.

Fonte: Foto Varão (Arquivo do Museu Ozildo Albano)

Várias possibilidades de análise fazem-se acerca das fotografias, que nada mais é do que viajar pelas memórias e lembranças de tempos de outrora. Na fotografia 07, pode-se observar a quantidade de mulheres que participavam das procissões religiosas na época, visto que a presença masculina era quase inexistente, reduzindo-se a crianças e poucos adolescentes. Observa-se também que as mães ensinavam os princípios cristãos às crianças desde sua infância, levando-os consigo para as procissões. Outro fato interessante são as roupas da época, que já foi mencionado anteriormente, reafirmando que as pernas, colo e ombros eram totalmente cobertos, seguindo os valores morais e sociais da época. Já a fotografia 08 exemplifica o momento em que o Cruzeiro em cima do morro é inaugurado, em 1957. Confirmando essas informações, o Pe. Luís Soares em texto publicado no jornal *O Dominical*, fala sobre a religiosidade picoense:

Mais impressionante ainda do que essa atividade febricitante é o espírito religioso do povo. A comunidade paroquial é um espetáculo de religiosidade. O Vigário, jovem e ardoroso, trabalha por dez. A Igreja Matriz, um monumento de beleza arquitetônica. O maior e o mais belo templo do Piauí. O pré-seminário, aos cuidados paternais do Pe. Albino é uma joia. Um canteiro florescente de vocações.⁸⁰

⁸⁰ SOARES, Pe. Luís. Picos em Foco. *O Dominical*. Teresina, ano XXIX nº 43, 15 nov. 1964, p. 2.

Diante disso, apenas confirma-se o quanto a população picoense é formada por uma população predominantemente católica. Oliveira⁸¹ ainda destaca que a Igreja além de espaço de oração e reafirmação da fé cristã se constituía também como um refúgio para os jovens saírem de casa e frequentar outros locais públicos. Muitas jovens da época saíam de casa já com a intenção de desviar o caminho e se encontrar com as amigas ou com paqueras. Mas de acordo com as agentes sociais da pesquisa, os princípios cristãos e regras de bom comportamento sempre eram repassados pelos pais desde a infância, e estes eram refletidos na adolescência. Dona Catarina⁸² em entrevista afirma que sempre frequentava as missas, é católica e a família é toda católica (“Graças a Deus!”⁸³, enfatiza).

2.3 O alvorecer da “Nova Mulher” em meados do século XX

A partir do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as mulheres, sobretudo jovens de famílias abastadas, começaram a lutar pelos seus direitos, mesmo que este movimento ainda não tivesse tanta força nem tanta adesão⁸⁴. De acordo com Mestre⁸⁵, a primeira onda do feminismo, era no sentido de inserir, mesmo que de forma superficial, a mulher nos embates políticos e direitos civis. Essa discussão estava presente principalmente em países da Europa e EUA, chegando posteriormente ao Brasil.

O momento histórico estava voltado principalmente para conscientização de que a mulher poderia também fazer parte da vida política do país e ter os seus direitos civis igualmente aos homens, mas é importante observar que as mulheres pobres não estavam inseridas nesse contexto, visto que estavam alheias a qualquer discussão, dedicando-se apenas à sua própria sobrevivência e a dos seus filhos.⁸⁶

No Brasil, a primeira onda feminista se manifestou, sobretudo após 1910, onde as mulheres operárias, sobretudo anarquistas⁸⁷, que trabalhavam nas fábricas de forma desordenada e cansativa, ganhando salários bem inferiores aos homens, como também as

⁸¹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. cit., p. 36.

⁸² LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

⁸³ Idem.

⁸⁴ MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004, p. 12.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Ibidem, p. 13.

⁸⁷ Movimento feminista partidário da união livre e da liberdade sexual. Ver: CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

“sufragistas”, que queriam o direito ao voto e o de ser votadas⁸⁸. Pinto, diz que “este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960”⁸⁹.

Contrapondo essa discussão de emancipação social e política da mulher, Del Priore⁹⁰ fala sobre os direitos civis das mulheres brasileiras nessa época, que mesmo com todas essas discussões, ainda havia muito preconceito por parte da sociedade, principalmente masculina, em aceitar a mulher, com direitos civis igualitários, em uma mesma sociedade. Por outro lado, havia os simpatizantes dos movimentos feministas, que até apoiavam às lutas e diziam ser apenas preconceito todas essas diferenças. Assim, Del Priore discute:

Outro debate, na época, era sobre os direitos políticos e civis da mulher. Certo Aureliano Leite, mineiro, “achava ridícula”, uma tal pretensão. Antônio da Rocha Barreto dizia que “quando chefe dos Serviços do Correio, a inaptidão das moças no tráfego postal” lhe confirmara que os direitos da mulher deviam ter suas restrições, pois elas eram “incompatíveis com certos encargos”. (...) A João Luso Torres “repugnava ouvir falar em sufragistas”. O carioca Max Fleuiss queria só “o anjo do lar”. (...) Do outro lado, Alberto de Paula Rodrigues afirmava que “a chamada inferioridade feminina era fruto apenas de tradicional preconceito”. Alfredo Rosa Borges era favorável, mas sem o cigarro na boca. Waldemar Ferreira, advogado paulista, era a favor desde seus tempos de estudante de Direito.⁹¹

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o movimento feminista retomou suas atividades, e aos poucos as mulheres foram conquistando o seu direito ao voto, chegando ao Brasil em 1934 (Código Eleitoral de 1932, no governo de Getúlio Vargas), e a Igreja Católica era a principal instituição a favor de tal conquista civil, pois de acordo com Linhares⁹², a Igreja Católica disseminava o ideal de que as mulheres são mais conservadoras, perfazendo a ideia de que com as mulheres exercendo o seu papel de cidadãs era mais fácil fazer acordos políticos entre os membros do clero.

Já em meados do século XX, sobretudo na década de 1950 e 1960, essas discussões acerca do feminismo passaram a ser mais evidenciadas no Brasil, constituindo a segunda onda

⁸⁸ MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. Op. cit., p. 13.

⁸⁹ PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder*. In: Revista de Sociologia Política, Curitiba, v.18, n.36, p. 15-23, jun. 2010.

⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. — São Paulo : Contexto, 2006, p. 249.

⁹¹ Idem.

⁹² LINHARES, M. Y. (Org.); CARDOSO, C.F.S.; SILVA, F.C.T. da; MONTEIRO, H. de M.; FRAGOSO, J.L.; MENDONÇA, S.R. de. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

do feminismo.⁹³ Após a conquista do voto, o foco principal de luta era o fim das disparidades entre homens e mulheres, onde lutavam por uma maior valorização do trabalho e fim das desigualdades salariais. De acordo com Mestre:

A entrada de um maior contingente de mulheres no mercado de trabalho incitou mais claramente, porém, a percepção das diferenças expressa pelas discrepâncias salariais, que apenas refletiam outras desigualdades entre os trabalhadores e as trabalhadoras. A participação crescente do "sexo frágil" na força de trabalho industrial acabou por aguçar os movimentos pró-femininos, que advogavam por direitos iguais.⁹⁴

Corroborando com o pensamento da autora, nota-se que as mulheres aos poucos foram ganhando espaço em meio a uma sociedade tão desigual, justamente pelo fato de compor cenários públicos, longe do ambiente familiar, como as fábricas. A consciência enquanto mulher constituinte da sociedade, igualmente aos homens, foi sendo levada em consideração na medida em que a sociedade foi se modernizando.

Então, na cidade de Picos – Piauí, influenciadas pelos ideais de modernidade, a partir de 1950, as mulheres começaram a participar mais ativamente da vida social e isto preocupava a Igreja Católica, pois esta emancipação feminina causou um “perigo” à formação da família tradicional. Essa era a realidade da capital do Piauí também, Sousa expõe que em Teresina, em tempos atrás, as mulheres eram criadas e educadas para constituir família, através de um bom casamento:

Assim por muito tempo foi cultivada pelas mulheres a necessidade de se conseguir um bom casamento, deixando a carreira profissional para um outro momento, sendo esse anseio fadado ao esquecimento. Para reforçar esse “destino” feminino existia um aparato de mecanismos para consolidar a maneira de ser mulher no casamento.⁹⁵

Com base nesses escritos, é importante salientar ainda que mesmo sendo uma sociedade “moderna”, os valores tradicionais da Igreja Católica, como mulher, mãe, esposa e dona-de-casa, ainda faziam parte do dia-a-dia das mulheres picoenses modernas, continuando ainda presas às amarras da sociedade. Remonta ao fato de que a maioria das mulheres ainda mantinha antigos valores morais a serem seguidos, valores estes ditados pela Igreja Católica, e

⁹³ MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. Op. cit., p. 16.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *Entre a casa e a rua: mudanças no cotidiano feminino em Teresina na década de 1970*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009, p. 4.

as moças que não seguiam as regras eram tidas como Evas, símbolo do pecado e causadora dos males da sociedade. Com base em Oliveira:

A liberação sexual feminina que permeava os anos sessenta não se constituía como uma ação uniforme e contrastava com antigos valores sociais. Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para posteriormente se casarem e tornarem-se boa esposa, boa dona-de-casa e boa mãe. Este era o “destino natural” das jovens, impregnado de valores antes mesmo do seu nascimento. Percebemos que, mesmo os sujeitos picoenses compartilhando dos constantes debates que ocorriam no Brasil e no mundo sobre a condição do ser feminino, os discursos que prevaleciam na cidade de Picos em torno da mulher as condicionavam como naturalmente esposa, mãe e dona-de-casa.⁹⁶

Paralelo a isto, havia as jovens “desviantes” de padrões, que optavam por não ficarem presas às amarras domésticas e mesmo com o perigo de ter sua reputação abalada, algumas jovens picoenses saíam às ruas, ambiente este que até então era essencialmente masculino. Havia as mulheres que trabalhavam fora de casa, mas isso só acontecia se não comprometesse o ambiente familiar e estas cumprissem com o seu “destino natural”. Além disso, o trabalho era restrito a algumas profissões designadas às mulheres, como professoras, ou até mesmo trabalhos dentro do próprio espaço privado, como costureiras e lavadeiras. Outras ainda optavam em prosseguir os estudos, e com isso o casamento ficava em último plano.⁹⁷ Reforçando a afirmação, Oliveira destaca:

O estudo aumentava a exigência das moças, que procuravam rapazes cada vez mais inteligentes para se relacionar. Uma maior instrução levava ainda essas moças a questionar a submissão imposta à mulher com a prática do casamento. Essas moças queriam liberdade, poder fazer escolhas, ter vontade própria. Optavam apenas por trabalhar e continuavam, muitas vezes, ao lado da família, ajudando e cuidando dos pais. Algumas permaneceram solteiras por não conseguirem se desprender dos laços fraternais.⁹⁸

Mas, mediante tudo isso, ser solteira por preferência ou por consequência não era visto com bons olhos, em uma sociedade ainda tão tradicional e patriarcal. Uma mulher de família era educada para casar-se, ser uma boa esposa e conseqüentemente ter filhos e cuidar do lar, então qualquer comportamento que desviasse desses preceitos eram tidos como maléficos para a sociedade. As moças solteiras por consequência de um mau casamento ou que possuíssem filhos sem casar, denominadas como “perdidas”, eram afastadas da sociedade e

⁹⁶ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Teresina, 2012, p. 9

⁹⁷ *Ibidem*, p. 6.

⁹⁸ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. cit., p. 9.

reintegradas posteriormente, através de iniciativas da Igreja Católica, por meio de ações sociais realizadas por padres, freiras e grupos de jovens, discussão presente nos estudos de Oliveira⁹⁹.

Partindo para a discussão moderna acerca da condição feminina nas décadas de 1950 e 1960, nota-se que o mundo estava imerso em uma densa discussão historiográfica acerca de gênero. De acordo com Scott¹⁰⁰, o masculino e o feminino devem ser entendidos como categorias indissociáveis e construídos culturalmente. O conceito de gênero é uma contraposição ao determinismo biológico que ditavam os comportamentos em relação aos sexos masculinos e femininos, ou seja, estudar gênero se faz necessário no sentido de romper com padrões ditados por uma sociedade de natureza patriarcal e machista. A partir das décadas de 1950 e 1960, a mulher passou a questionar o seu papel enquanto ser individual, sem ser atrelada a família, se constituindo também como um objeto de estudo. Oliveira destaca:

Mas a partir de 1960, quando os papéis de boa moça, boa filha e boa mãe passaram a serem questionados, os cuidados que até então era apenas com o lar passaram a ser transformados/divididos com os cuidados com o seu próprio ser, com o corpo, assim como também algumas mulheres passaram a defender o amor livre, o direito ao prazer e a ter domínio sobre a sua vida, principalmente, através do uso de métodos anticoncepcionais que permitiam a estas decidirem e planejarem quantos filhos teriam, além de escolher o tempo certo para tê-los, ou mesmo se desejariam tê-los, a produção historiográfica também assumiu o objeto *mulheres*, como uma possibilidade de construção de conhecimento.¹⁰¹.

Então, após estas breves discussões sobre mulher - feminismo - condição feminina - modernidade é possível fazermos uma relação mais consistente entre Igreja Católica e mulher moderna nas décadas de 1950 e 1960 e adentrar no segundo capítulo da obra, que será embasado em entrevistas orais com mulheres contemporâneas à época e fontes hemerográficas, especificamente o jornal O Dominical, que era um periódico semanal que circulava em Teresina na época em questão.

⁹⁹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. cit., p. 61.

¹⁰⁰ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Vol. 2, nº 20, jul./dez. 1995.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. Cit., p. 4.

3. CAPÍTULO 2 - DISCURSOS NORMATIZADORES CATÓLICOS E O IDEAL DE MULHER PERFEITA: jornal *O Dominical* e fragmentos de memória

[...] Ai meu Deus que saudade da Amélia. Aquilo sim que era mulher... Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia que era a mulher de verdade.

(Ataulfo Alves)

O poema-canção *Ai que Saudade da Amélia*¹⁰², lançado em 1941, com autoria de Ataulfo Alves em parceria com Mario Lago foi sucesso nos anos quarenta e regravada por vários artistas anos depois. Fazia referência a uma mulher submissa e dedicada aos trabalhos domésticos, estando sempre pronta para servir o marido, cuidar do lar e dos filhos. Embora a música seja dos anos quarenta, ainda se faz bastante contemporânea nos dias atuais, se configurando como um ditado para disseminar o machismo que ainda é característico da nossa sociedade. A temática envolta dessa música envolve importantes questões de gênero, assim como também discursos sociais e religiosos acerca da mulher poderão ser analisados.

De acordo com Scott¹⁰³, após o advento da República, já no início do século XX, uma nova noção de família começou a ser preconizada. A modernidade que chegava de forma intensa na vida da população exigia um novo modelo de família, chamada “família conjugal moderna”, como também estabelecia um novo modelo de mulher, agora mais ainda tida como “rainha do lar”, reforçando a ideia de dona de casa ideal, mãe dedicada e esposa afetiva, se consolidando nos anos cinquenta. Essa família conjugal moderna, também conhecida como família nuclear, vinha para definir ainda mais os papéis impostos pela sociedade já em meados do século XX, e segundo Pinsky:

O modelo de família propalado desde o início do século ganhara bastante espaço em corações e mentes e era agora a grande referência: nuclear, com uma nítida divisão de papéis femininos e masculinos (aos homens, a responsabilidade de prover o lar; às mulheres, as funções exclusivas de esposa, mãe e dona de casa) e baseada na dupla moral, que permite aos homens se esbaldar em aventuras sexuais ao mesmo tempo em que cobra a monogamia das esposas e a “pureza sexual” das solteiras.¹⁰⁴

¹⁰² Para saber mais sobre a origem e história da música *Ai que saudade da Amélia*, ver: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/a-historia-da-criacao-da-musica-amelia-por-mario-lago-e-ataulfo-alves-33004/> Último acesso em: 24 de jan. de 2016.

¹⁰³ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 16.

¹⁰⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 480.

Então, analisando o pensamento da autora, a musa inspiradora da canção da epígrafe no início do capítulo era o modelo perfeito de mulher, que todas as mulheres, sejam elas ricas ou pobres, negras ou brancas, do interior ou da cidade, deveriam seguir. É importante observar que a dinâmica social e cultural brasileira é bastante heterogênea, variando de localidade para localidade, mas essas qualidades – essencialmente femininas – era requisito básico para manter a respeitabilidade e honra de todas as famílias da época. Essa discussão acerca da heterogeneidade na dinâmica social brasileira está presente no estudo da Scott¹⁰⁵.

É fato que as influências modernas recebidas nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro, foram bem mais intensas do que em cidades interioranas. Apesar de ter perdido o título de capital federal brasileira em 1960, o Rio de Janeiro ainda era a urbe que mais foi influenciada pelas produções estrangeiras, fazendo jus ao apelido de “cidade maravilhosa”¹⁰⁶. Em contraponto, mesmo afastada dos principais centros irradiadores de modernidade, Picos - Piauí, mesmo que de forma tímida, também recebia suas influências modernas, principalmente através dos meios de comunicação e forasteiros¹⁰⁷, e a década de 1960 foi ímpar na construção social e cultural picoense.

A Igreja Católica por sua vez, como principal instituição de regulação social da época, ainda impunha regras de conduta e comportamento em meio a tantas influências modernas. Porém, os meios de comunicação, principalmente o rádio passaram a permear o imaginário feminino¹⁰⁸, como foi visto no capítulo anterior, pois influenciavam as jovens a romper com os padrões impostos pela sociedade, entrando em choque com os princípios defendidos pela Igreja Católica.

A década de 1960 foi marcada por um dualismo nas relações, onde de um lado estavam as mulheres que exerciam suas funções femininas com perfeição e maestria, como Amélia, a “mulher de verdade” da música no início do capítulo e havia também as transgressoras, que fugiam dos papéis determinados pela sociedade e pela Igreja Católica.

¹⁰⁵ SCOTT, Ana Silvia. *O caleidoscópio dos arranjos familiares*. Op. cit., p. 17.

¹⁰⁶ Para uma melhor compreensão sobre o título de Cidade Maravilhosa, ver: Alma Carioca – História do Rio de Janeiro: Fundação da cidade, Estácio de Sá. Disponível em: <<http://www.almacarioca.com.br/historia.htm>>.

¹⁰⁷ Sinônimo de viajantes para a população picoense da época.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. Cit., p. 43.

Os anos sessenta foram entendidos como um momento de fluidez, onde antigos padrões passam a ser questionados, passando a conviver com novas referências¹⁰⁹, então neste capítulo será feita uma análise de como a Igreja Católica escrevia acerca da família cristã e como influenciava a vida das mulheres, reforçando papéis femininos como mulher dona de casa, mãe e esposa, articulando manchetes do jornal *O Dominical*¹¹⁰ com fragmentos de memórias de jovens mulheres picoenses da época.

3.1 “O Dominical é o jornal das famílias e dos católicos piauienses”¹¹¹: Imprensa Católica e o modelo ideal de família cristã

O Dominical por muitas décadas circulou na imprensa teresinense, como também fazia alusão a outras cidades piauienses, como Picos, Valença, Campo Maior, Piripiri, Castelo do Piauí, dentre várias outras¹¹². Após o contato com a fonte e a análise minuciosa de todas as edições, dos anos de 1948 a 1965, percebe-se que os conteúdos além de trazer informações sobre o que acontecia no mundo e no Brasil, também serviam como forma de controle social, através da propagação de princípios cristãos, principalmente na vida das mulheres, pois estas ainda se configuravam como o principal alvo da Igreja Católica.

Além disso, o periódico servia como um alerta contra os inimigos que poderiam corromper a sociedade e enfraquecer os pilares da Igreja Católica. Dentre os inimigos da fé cristã, e que foram bastante reforçados no jornal, estavam a modernidade, o divórcio, o espiritismo e o comunismo¹¹³. Sobre este último, por muito tempo foi considerado como o destruidor dos bons costumes, como exemplifica esse trecho do jornal *O Dominical*:

[...] E o comunismo aí está aniquilando os bons costumes; pouco lhe interessando as nossas tradições, a nossa ética social, a nossa maneira de convivência, a nossa moral. O que lhe interessa é apenas a transformação do homem, feito <à imagem e semelhança de Deus>, em <boneco de carne> destituído do sentimento do Belo, do incognoscível, do justo e do verdadeiro.¹¹⁴

¹⁰⁹ PINSKY, Carla Bassanezi. *A Era dos modelos rígidos*. Op. cit., p. 470.

¹¹⁰ Periódico semanal pertencente à Diocese de Teresina. Foi fundado por Dom Severino Vieira de Melo em 1937, passou alguns anos sem circulação e voltou a ser publicado em 1948, circulando até 1971.

¹¹¹ Com base nos jornais analisados, é bastante recorrente essa ideia. Em quase todas as edições, essa frase – “O Dominical é o jornal das famílias e dos católicos piauienses” – é reforçada.

¹¹² Ao analisar os periódicos, várias reportagens acerca de outras cidades piauienses foram selecionadas, e conclui-se que a circulação do jornal não restringia apenas a cidade de Teresina, mas também fazia alusão às demais cidades piauienses de destaque na época.

¹¹³ Ao analisar os periódicos percebe-se a recorrência de manchetes acerca do divórcio, modernidade, comunismo e espiritismo.

¹¹⁴ OS BONS costumes. *O Dominical*. Teresina, ano XX, nº 9, 26 fev. 1956, p. 3.

A recorrência de textos alertando sobre o perigo do comunismo era intensa, visto que o comunismo, para a Igreja Católica, era o principal responsável pela falência nos bons costumes. Assim, complementando essa ideia, Pereira¹¹⁵ descreve:

Esse periódico servia à igreja católica como instrumento de propagação de princípios morais, divulgando os anseios e os desejos da hierarquia clerical de obter, no meio sociopolítico brasileiro/teresinense, cada vez mais espaço e adeptos. A instituição pretendia alertar a população dos possíveis inimigos, que atemorizavam e ameaçaram o poder da igreja católica.

Dessa forma, observa-se que o jornal *O Dominical* se configurava na época como um dos principais instrumentos reguladores sociais, utilizando discursos e práticas normativas para propagar os princípios morais e cristãos na sociedade que vinha se modernizando. Segundo Foucault¹¹⁶, o discurso não vale por si só, mas sim pelo poder que a instituição o confere, podendo ser controlados, selecionados, organizados e redistribuídos pela entidade que os domina.¹¹⁷

O título do tópico, “O Dominical é o jornal das famílias e dos católicos piauienses”, é reforçado a cada edição analisada. A família ainda se configurava como o principal sustentáculo da Igreja Católica e com isso as matérias eram designadas para as famílias cristãs da época. Padre Luís Soares deixa bem claro ao falar que “não se pode pensar em organização social, sem se partir deste núcleo central que constitui a célula-mater da sociedade”¹¹⁸. A exemplo desta, Antônio Conde Dias, em reportagem ao periódico semanal, escreve sobre o ideal de família católica:

A Igreja de Cristo olha sempre com maternal carinho para as famílias cristamente constituídas, defendendo-as em todos os momentos do perigo, pondo-as a salvo das fortes ciladas dos inimigos de Deus e da Pátria. Felizes e ditosos os povos, como os brasileiros, que mantém intacta a pureza dos lares, conservam inviolável a família, mantendo-a firmada em bases sólidas e indestrutíveis. Não têm faltado defensores ardorosos da tese divorcista, inimigos públicos ou velados da indissolubilidade do vínculo matrimonial, adeptos fervorosos da união dos casais meramente consagrados pelo ato civil. [...] Encaremos, pois, a família por um prisma mais nobre e elevado, prestigiando-a em toda a linha e defendendo-a em todos os transes.¹¹⁹

¹¹⁵PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. Cit., p. 14.

¹¹⁶FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 10. ed, São Paulo: Loyola, 2004, p. 7.

¹¹⁷Ibidem, p. 8-9.

¹¹⁸SOARES, Pe. Luís. A família. *O Dominical*. Teresina, ano XXX, nº 48, 21 nov. 1965, p. 1.

¹¹⁹DIAS, Antônio Conde. A família. *O Dominical*. Teresina, ano XIII, nº 79, 20 nov. 1949, p. 2.

O medo pairava sobre a massa cristã. O divórcio, como projeto de lei oficial, já estava sendo assunto defendido por uma camada numerosa da população, causando assim a preocupação do segmento católico, pois afrontava perigosamente a família. A mudança, segundo Castelo Branco, “traria um prejuízo inestimável, não só para o prestígio da instituição religiosa, mas também para as relações familiares, que perderiam as bênçãos sagradas”¹²⁰. Para os cristãos da época, o divórcio além de destruir o amor entre o homem e a mulher, se constituía como o maior inimigo dos filhos, passando a ser considerados “órfãos de pais vivos”¹²¹.

A Igreja, a cada edição, alertava sobre o perigo do divórcio. Utilizavam frases como “tragam à pregação pessoas amigas que andem acreditando nos sofismas divorcistas e passem adiante o que escutaram na Igreja”¹²². Então a melhor alternativa para conter esse avanço, era utilizar a imprensa para advertir as famílias em geral sobre esse mal que vinha a corromper a sociedade, pois se não escutassem os sermões dos padres nas missas, poderiam ter como alerta o meio impresso.

Em várias edições analisadas (1948 a 1965), é recorrente a preocupação com os inimigos externos a Igreja Católica, e o que se refere à constituição de família ideal cristã, a preocupação maior eram a separação legal civil e a modernidade, que fazia falir os bons costumes construídos em séculos. As matérias e reportagens acerca desses assuntos eram colocadas em primeira ou segunda página, sempre em letras maiúsculas e com cores mais fortes, para dar um maior destaque para o mal que viria a contaminar o matrimônio e conseqüentemente a família.

São dois elos que se complementavam: os costumes tradicionais e a família. A modernidade viria para romper com essa ligação, causando a decadência moral e corrupção nos costumes. A respeito dessa modernidade, uma mensagem do Papa Pio XII virou notícia nas páginas d’O Dominical:

[...] Referindo-se à decadência moral de nosso tempo, acrescenta que o mundo está vivendo uma das épocas mais críticas da história. [...] Vós sabeis disso tudo, pois frequentemente andais pelas ruas, a caminho de vossos

¹²⁰ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006, p. 370.

¹²¹ O DIVÓRCIO e os filhos. *O Dominical*. Teresina, ano XIX, nº 4, 23 jan. 1955, p. 1.

¹²² O MATRIMÔNIO é indissolúvel. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 48, 08 dez. 1954, p. 2.

labores, e observais o relaxamento moral com o temor de serdes atacadas por um demônio solto, que não poupa embustes e que usa as armas mais vis.¹²³

Como forma de dominar ainda mais a mente das famílias cristãs, a edição do jornal utilizava cartas e mensagens de Bispos e Papas, informando o que estava acontecendo fora do Piauí. Essa decadência moral mencionada pelo Papa Pio XII refere-se à modernidade e esses demônios soltos faz alusão às mentes influenciadas pelos princípios modernos, que poderiam utilizar de seus conhecimentos para influenciar outras pessoas.

Em defesa da família, *O Dominical* ainda utiliza de várias matérias para evidenciar a importância da consolidação do matrimônio e a geração de filhos, sendo estes as bases para a formação da família. Assim:

O matrimônio é para a família. A família é para Deus. Deus ao constituir a primeira família, disse aos cônjuges: < cresci e multiplicai-vos >. Impôs a humanidade, ainda que não a cada homem em particular, o preceito do matrimônio. Na sua sapientíssima providência, deu ao homem e a mulher a missão de se completarem mutuamente e para isso pôs na alma do homem e da mulher essa atração mútua que os leva a formar família e a perpetuar própria vida na vida dos filhos. Somente em nome de um ideal superior e por vontade de Deus é que será lícito ao homem renunciar ao matrimônio e viver em pureza perfeita, e só para Deus. [...] Mas, desde o dia em que o homem e a mulher se unem em santo matrimônio, devem ter sempre diante dos olhos que o fim primário dessa união é a geração e a educação dos filhos. Deus sabe quão difícil é gerar filhos e educá-los fora duma sociedade permanente e por isso desde o aparecimento do homem sobre a terra, funda a família cercada de todas as garantias de estabilidade.¹²⁴

Dessa maneira, nota-se que a constituição de família era estritamente necessária e só poderia se afastar desse destino, se esta fosse a vontade divina, para se tornar um sacerdote ou no caso das mulheres, freiras. Além disso, para a Igreja Católica, ter filhos era o objetivo principal do casamento, e quando estes nascessem deveriam ser educados de acordo com os princípios cristãos, por isso no texto acima há a preocupação de comentar acerca da educação. Todos esses aspectos, união homem e mulher, geração de filhos e educação aos moldes cristãos, seriam a garantia de uma família ideal, com bases nos discursos católicos.

Ainda sobre os discursos católicos acerca da família cristã ideal, as práticas discursivas eram refletidas até nos temas e lemas dos Anos Marianos. No ano de 1954, o

¹²³ PARA ENFRENTAR a decadência moral, as virtudes cristãs. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 51, 01 jan. 1955, p. 2.

¹²⁴ EM DEFESA da família. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 30, 12 dez. 1948, p. 2.

Lema foi “A Família que reza é uma família que sabe viver bem”¹²⁵, reforçando a idéia de que “a vida verdadeira de uma alma cristã, assim como a de uma família cristã, é a vida eterna, e é através da oração que conservamos esta vida [...]”¹²⁶, instigando o católico a orar e se dedicar mais ao Senhor.

3.2 As diversas faces de Maria

Brilhante como o sol, formosa como a lua, límpida como a Dalva-estrela, cândida como o lírio é esta Virgem Bendita, a quem Deus aprouve distinguir com os maus singulares prerrogativas, para servirem de ideal consumado aos cristãos de todas as épocas.¹²⁷

Assim os católicos descreviam a Virgem Maria. Havia uma dualidade acerca da figura feminina na época, onde de um lado havia as Marias, que configuravam o modelo ideal de mulher católica, boa filha e conseguinte uma boa esposa, uma boa mãe e dona de casa, como havia também as Evas¹²⁸, símbolo do pecado e da modernidade devastadora.¹²⁹

Em meados do século XX, esse ideal de mulher próxima a imagem da Virgem Maria era o modelo idealizado pelo segmento cristão e segundo Castelo Branco¹³⁰, os modelos femininos eram muito mais problematizados do que os modelos de masculinidade, pois cabia a mulher a responsabilidade de manter o equilíbrio e a manutenção da família. A emancipação feminina também preocupava o segmento cristão, por isso se fazia necessária uma maior divulgação de modelos femininos que deixassem claro as ideias defendidas pela Igreja Católica.

No jornal *O Dominical* são frequentes matérias sobre a importância da maternidade, de ser uma boa esposa e uma dedicada dona de casa. Todavia, havia também as jovens que não seguiam esses preceitos, optando por escolher o seu próprio destino, como trabalhar e estudar, mas isso não quer dizer que rompiam totalmente com a Igreja Católica, apenas que queriam se enquadrar também nas novidades. É importante perceber as mudanças e as

¹²⁵ A FAMÍLIA que reza é uma família que sabe viver bem. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 8, 28 fev. 1954, p. 1.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ SARAIVA José Ayrtton. Maria, Mãe e Modelo dos Congregados. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 19, 10 mai., 1953, p. 1.

¹²⁸ Essa discussão remonta ao livro *Gênesis da Bíblia Católica*, onde Eva é tida como a responsável pelo pecado e devassidão do mundo, ao comer o fruto proibido, indo contra as ordens do Senhor. Para saber mais: <http://www.bibliacatolica.com.br/>

¹²⁹ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. cit., 202.

¹³⁰ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Catolicismo e relações familiares*: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX. Op. cit., p. 373.

permanências nas relações sociais, e os anos dourados e os anos rebeldes¹³¹ foram encarados como o período de transição de costumes.

3.2.1 Anjo da casa, rainha do lar.

Os papéis femininos e masculinos sempre foram bem definidos, refletindo até décadas atrás. Segundo Beauvoir, a mulher, de acordo com a economia, deveria ser uma “dona de casa atenta, prudente, econômica, trabalhadeira como a abelha, uma intendente modelar”¹³², pensamento este que foi fortemente propalado durante séculos. Com base nisso, a Igreja Católica também propagou essa ideia, baseando-se nos escritos bíblicos, que fala sobre a mulher virtuosa, sendo uma primorosa dona de casa, que governa o seu lar com domínio e diligência.¹³³

Normas, regras de conduta, práticas e discursos, ensinamentos cristãos, modelo ideal de mulher são exemplos das variadas designações para compreender a dinâmica da imprensa católica ao preconizar a dona de casa ideal. Acerca disto, um texto denominado *Oração da Dona de Casa*, virou manchete na página inicial do jornal *O Dominical*, demonstrando como os discursos católicos estavam fortemente presentes no dia-a-dia das mulheres:

Meu Deus, daí-me coragem de rotomar cada dia, alegremente, o meu humilde e grande <cada dia>; de recomeçar como se fossem novos êsses gestos sempre iguais: lavar, varrer, descascar, remendar, limpar o pó. Dai-me a graça de ser sempre, de coração disposto e jamais cansado, a alegria da casa, mesmo quando estiver com vontade de chorar! Que êsses trabalhos comuns, feitos como oração e embebidos de amor, se tornem redentores, como em Nazaré. Fazei que nunca aceite a mediocridade nem para a sopa que tenho de preparar, nem para a costura que tenho de terminar, nem para a palavra de paz que devo distribuir... Fazei-me criadora de serenidade e de alegria. Que a preocupação com os outros, com a alegria dos outros, domine a minha vida. Não há mais alegria em dar do que em receber?¹³⁴

A dona de casa ideal, para a Igreja Católica, seria a que cumprisse com excelência as atividades propostas e recomeçasse, a cada dia, os seus trabalhos com alegria, amor e oração. Tinha como funções varrer, passar, cozinhar, costurar, limpar o pó dos móveis, cuidar do marido e dos filhos, sendo uma verdadeira rainha do lar. Além disso, deveria também preocupar-se com o bem estar de todos a sua volta, a fim de manter o ambiente doméstico harmônico e feliz.

¹³¹ Anos dourados e anos rebeldes são respectivamente, os anos cinquenta e sessenta.

¹³² BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960^a, p. 112.

¹³³ Para saber mais, ver: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/31>

¹³⁴ ORAÇÃO da dona de casa. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 7, 15 fev. 1953, p. 1.

Oliveira¹³⁵ destaca que em Picos mesmo as mulheres recebendo influências nacionais e internacionais sobre a condição do ser feminino, os discursos que prevaleciam em torno da mulher, as condicionava como naturalmente exercer papéis de esposa, mãe e dona-de-casa. Entretanto, havia também as moças que optaram por estudar e trabalhar, afastando-se dos papéis essencialmente domésticos.

Sobre a definição de dona de casa ideal, Catarina Leal¹³⁶ destaca que acabou se tornando uma dona de casa, pois não teve a oportunidade de continuaros estudos. Fala em entrevista oral que passava o dia em casa, costurando, trabalhando e tomando conta dos afazeres. Por ter sido educada dentro dos princípios cristãos, Catarina Leal, seguia as regras dos seus pais, que também eram católicos, mostrando assim que a Igreja tinha muita influência sobre a população picoense.

Paralelo a esse modelo, havia as jovens que não se configuravam comodonas de casas ideais. A respeito disso, Mundica Fontes deu o seu testemunho:

Meu pai era o que me incentivava mais para os estudos. Minha mãe, como ela tinha uma visão muito estreita assim e era doméstica, que as mulheres na época eram criadas para prendas domésticas, costurar, bordar, cozinhar, que eu nunca gostei de cozinha, ainda bordar, me colocou em curso de bordado, eu aprendi bordar, costurar também, mas eu não tinha muita queda por costura, assim, mas eu ainda fazia algumas coisas assim, mas eu me identifiquei com o bordado, aprendi crochê, bordado e eu bordava muito, enxoval de criança, enxoval quando as pessoas me procuravam, eu bordava muito bem! Mas eu, prendas domésticas eu detestava sempre, até hoje, não gosto de cozinha, mas minha mãe incentivava pra esse lado, ela não queria que eu fosse é estudar. *Dizia*: Estudar é besteira, basta fazer só o que ta bom, chegou o ginásio, pra que fazer Normal? Não sei o que. Mas ai meu pai dizia, mas é tem que se formar!. [grifo nosso]¹³⁷

É interessante observar que a agente social da pesquisa até chegou a bordar profissionalmente, mas detestava prendas domésticas, perdurando até os dias de hoje. Não eram comuns jovens desviantes assim, mas como os estudos estavam aumentando gradativamente, a insatisfação das moças pelos trabalhos de casa aumentavam também.

Assim, em Picos Piauí havia uma dualidade nas relações. Havia sim as moças que ainda seguiam o seu destino natural, de ser uma dona de casa ideal, servindo aos maridos e

¹³⁵ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. cit., p. 9.

¹³⁶ LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹³⁷ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

filhos, como também havia as jovens que optavam pela continuação dos estudos, deixando as prendas domésticas para segundo plano.

3.2.2 Esposa cuidadosa, marido satisfeito.

Segundo Pinsky¹³⁸, ser uma boa esposa é a garantia para a felicidade conjugal, a harmonia do lar e a estabilidade do casamento. Ao homem cabe apenas sustentar a família com dignidade, não deixando que nada falte a sua esposa e filhos. Já a esposa tem a função de satisfazê-lo em todos os aspectos. Segundo Castelo Branco, as mulheres “seriam anjos tutelares da família, delas dependeriam o equilíbrio e a estabilidade familiar”¹³⁹. Complementando a ideia, Beauvoir destaca:

Mas na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher estima que, em casando, assumiu encargos de que a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que houvera encontrado associando-se a “uma mulher de verdade”: quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. É uma tarefa que se torna facilmente acabrunhante. Ela a assume ao mesmo tempo por consideração para com seu parceiro e por fidelidade a si mesma: porque faz questão, já o vimos, de não falhar em seu destino de mulher.¹⁴⁰

Assim, nota-se que a construção social acerca do ser esposa vai além da satisfação do marido e cuidado com os filhos, envolve também questões de realização própria, pois não quer falhar com o seu destino natural. Ao casar, o marido logo imagina que terá a esposa perfeita, como são de fato as esposas, e para não decepcioná-lo, as mulheres se dedicam ainda mais para satisfazê-los.

Em relação às esposas perfeitas, a Igreja Católica também utilizou de práticas discursivas para persuadir as moças a se enquadrarem nos padrões, virando notícia no periódico *O Dominical*. Antes de escolherem as esposas, os homens deveriam se atentar a algumas qualidades primordiais, que seriam refletidas na vida a dois, como o texto destaca:

Uma moça antes do casamento deve possuir estas quatro qualidades particulares, apontadas pela Sagrada Escritura: 1- Bom senso, pois < uma mulher sensata edifica sua casa, e uma mulher insensata por suas próprias

¹³⁸ PINSKY, Carla Bassanezi. *A Era dos modelos rígidos*. Op. cit., p. 486.

¹³⁹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX*. Op. cit., p. 374.

¹⁴⁰ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960b, p. 463-464.

mãos a derruba > (Prov. 14, 1); 2- A bondade, porque <não há cólera mais forte do que a de uma mulher. Preferia viver em companhia dum leão e dum dragão do que habitar com uma mulher má > (Ecl. 25, 14-15); O amor ao trabalho, e ao trabalho manual, caseiro, porque < uma mulher forte pega na roça, e os dedos, agarram no fuso > (Prov. 31, 19); A moderação no falar, porque < o que é para os pés do velho o subir o monte de areia, isso é para o homem calmo uma mulher desbocada, faladeira > (Ecl. 25, 27). Portanto um rapaz sensato e desejoso de ser feliz, antes de pedir a mão duma pequena examina bem se a sua pretendente é na verdade: cristã piedosa, ajuizada e não cabeça de vento, bondosa e de boa índole, operosa ou amante do trabalho, moderada ao falar.¹⁴¹

A Imprensa Católica utilizava as escrituras do livro sagrado para persuadir ainda mais as moças de família a se comportarem e seguirem as regras impostas, pois só assim conseguiriam um bom partido para se casar. A educação e o comportamento na sociedade diziam se a moça era a ideal ou não para o casamento, e o papel de escolha partia do rapaz, juntamente com sua família. Além dessas características, a boa esposa não podia fugir do papel conjugal, que a levará a ser mãe, pois os filhos era a realização plena da feminilidade, como aborda Pinsky¹⁴² em seu artigo.

3.2.3 Mãe generosa, exemplo a ser seguido.

Há amor e generosidade no seu coração; seu exemplo permanecerá para sempre. [...] Bem aventurada a mãe que compreende os seus e os ouve: ela encaminhará seus conselhos com prudência, porque se inspira em Deus. [...] Bem aventurada a mãe em cujo seio palpita o próprio Deus. Seus dias são um Natal perene. O Cristo renasce em cada ato seu.¹⁴³

Baseado no Salmo 111, a oração da mãe foi publicada n'O Dominical no mês de maio. O mês das mães, em especial, muitas das matérias do periódico é para legitimar ainda mais a função materna, geradora e educadora da prole. Como se sabe, o resultado final do matrimônio, confirmando o sucesso da união homem-mulher é a geração de filhos e as mulheres que não quisessem seguir esse “curso natural”, eram tidas como desnaturadas e anormais como ressalta Pinsky¹⁴⁴. Assim, segundo Castelo Branco:

A escrita do feminino para os católicos se complementava com o exercício da maternidade. Ser mãe deveria tornar-se a vocação feminina por excelência. Em nome desse verdadeiro sacerdócio deveria anular-se, esquecer-se de parte de sua corporalidade, deixar de ser mulher enquanto

¹⁴¹ QUATRO QUALIDADES. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 22, 21 nov. 1948, p. 3.

¹⁴² PINSKY, Carla Bassanezi. *A Era dos modelos rígidos*. Op. cit., p. 487.

¹⁴³ SALMO da mãe. *O Dominical*. Teresina, ano XXVII, nº 19, 13 mai. 1962, p. 1.

¹⁴⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. *A Era dos modelos rígidos*. Op. cit., p. 492.

corpo marcado pela libido, para ser mãe. Dedicando toda a vida aos filhos, cuidando, educando, ensinando os valores cristãos.¹⁴⁵

Para a Igreja Católica, os pais tinham a função primordial de educar os filhos de acordo com os princípios cristãos, para que assim crescessem rapazes e moças de bem, e de acordo com Castelo Branco “os pais deveriam demonstrar todo o carinho e desvelo em relação aos filhos, observando sua boa formação dentro dos princípios cristãos”¹⁴⁶. Todavia o que se observava era que essa função era tida como um destino natural das mães, pois os filhos tinham a mãe, mais do que ao pai, um exemplo a ser seguido.

Essa influência maternal era ainda mais refletida nas meninas, pois “em virtude do papel que assume a religião na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão, sofre mais, igualmente, as influências religiosas”¹⁴⁷. É comum escutar das meninas expressões do tipo “quando eu crescer, quero ser igual a você”, tornando-se companheiras inseparáveis das mães. A mãe tem o papel de instruir as filhas a exercerem sua feminilidade com maestria, ensinando-as os ofícios domésticos, como lavar, cozinhar e costurar tornando-as excelentes donas de casa, para quando casarem seguirem o mesmo caminho.

Oliveira salienta que em Picos “os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para posteriormente se casarem e tornarem-se boa esposa, boa dona de casa e boa mãe”¹⁴⁸. Esses valores estão impregnados desde o nascimento e o papel de reforçar os ensinamentos era essencialmente da mãe.

3.1.3 Moda e Moral

Além das imposições acerca do ser mulher, definindo papéis e redefinindo costumes, as roupas femininas também foram questionadas e regularizadas pela Igreja Católica. A regulamentação das vestimentas fazia referência à índole das moças da época, sendo de um lado moças de família, fieis às tradições e aos costumes, e de outro lado às moças cuja reputação era duvidosa, assim moda e moral andavam intrinsecamente juntas. A respeito da regulação das roupas femininas em meados do século XX, uma circular de nº 1, escrita e

¹⁴⁵ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX*. Op. cit., p. 374-375.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 367.

¹⁴⁷ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Op. cit., p. 31.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. cit., p. 9

enviada pelo Com. Alcebíades Andrade, Secretário do Arcebispado, virou notícia no Jornal O Dominical:

São vestes inconvenientes (para a igreja) no traje das meninas, moças e senhoras: 1º- a falta de véu e de meias; 2º- as de fazendas transparentes; 3º as demasiadamente curtas, que não desçam um centímetro, ao menos, abaixo dos joelhos; 4º- as de decotes pronunciados; 5º- as demasiadamente ajustadas ao corpo; 6º- sem mangas, ou com mangas que não desçam alguns centímetros abaixo do cotovelo.¹⁴⁹

Para a Igreja Católica era inadmissível uma moça ir à missa com roupas inadequadas, que fugissem das regras impostas por essa circular acima. Os padres sempre alertavam e utilizavam o meio impresso para disseminar seus pensamentos acerca das modas femininas, a exemplo de Dom Frei Henrique Trindade, que diz que “a igreja não é desfile de moda”¹⁵⁰, alertando as jovens a não se enfeitarem tanto para ir à casa do Senhor.

A respeito do uso do véu, requisito indispensável nas missas católicas, as entrevistadas falam da necessidade de assistir as missas e comungar apenas com o uso do acessório, na cidade de Picos Piauí. Como também, as roupas não podiam ser decotadas, nem mostrando os ombros e pernas. Mundica Fontes retrata:

[...] Na igreja existia aquele rigor que a gente não podia ir de roupa de alça, roupa muito curta, sem manga, quem fosse *com* roupa sem manga usava um bolero, eu tinha uns boleros pra combinar com a cor da roupa, uns bolerozinhos de manga. [...] Meu pai não gostava também de roupa de alça e a gente usava o bolerozinho pra ir pra igreja, e usava um véu, ainda hoje eu tenho um véu guardado daquela época. Usava um véu de renda, ai botava uns bicos de tule, usava muito era tule. Ai levava o terço pra igreja e com o véu pra cobrir, só fazia a comunhão de véu e com o bolerozinho, toda coberta. [grifo nosso]¹⁵¹

Além do uso do véu, existiam os boleros, peça essencial ao usar uma roupa sem manga, como Dona Angelina¹⁵² fala que em Picos as mulheres tinham que usar um bolero para irem às missas, mas que ela “graças a Deus” nunca precisou disso, pois suas roupas eram sempre com mangas. A rigidez nas missas em relação às vestimentas era grande, os padres que vissem moças e senhoras com roupas decotadas, mostrando as pernas, o colo e o ombro, eram convocadas a se retirarem da Igreja. Como relembra Catarina Leal:

¹⁴⁹ A MODA. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 22, 31 mai. 1953, p. 2

¹⁵⁰ TRINDADE, Dom Frei Henrique. Apêlo a Dignidade Feminina. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 1, 01 jan. 1954, p. 2.

¹⁵¹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

¹⁵² OLIVEIRA, Angelina Maria de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

*As missastinha que ir de roupa de manga e quando tinha uma roupa de manga cavada fazia um bolerozinho, porque tinha uns padres aqui que não aceitava. Se a gente fosse à missa sem manga, o padre David (David Ângelo Leal) colocava pra fora da Igreja. A mim não, nunca aconteceu.*¹⁵³[grifo nosso]

Maria Gonçalves Leal¹⁵⁴ também relembra sobre o uso do bolero nas missas católicas. Fala que as blusas tinham que ser de manga três quartos e que se ia com uma roupinha de alça, tinha que usar um bolero, pois este seria a manga da roupa. Expõe ainda que hoje em dia as mulheres vão à missa parecendo que vão a uma festa, que sabe que é sim a festa do Senhor, mas deve ter o respeito de se cobrir e não andar tão exposta.

O modo de se vestir e de se comportar nos lugares dizia o que a moça significava para a sociedade. Se esta aparecesse com roupas mais provocantes, desnudas, mostrando o colo, ombros e os joelho já seria motivo de falatório, manchando a sua reputação e até mesmo da sua família. Para a Igreja Católica, as mulheres não precisam andar tão enfeitadas, nem com roupas provocantes, pois isso despertava os desejos masculinos, terminantemente proibidos na época. Em texto ao Dominical, S. Cipriano, mártir do século II, dirige às jovens:

*Se te vestes luxuosamente e assim adornada saís pelas ruas, atraís os olhares dos jovens. Eles te seguirão suspirando e tu serás a causa dos seus desejos maus; acenderás neles a concupiscência; e, ainda que, pessoalmente, estejas a salvo, farás com que outros se percam. Para os que te observas, tu serás uma espada e um veneno. E não poderás desculpar-te, alegando que a tua intenção é pura e correta.*¹⁵⁵

Mesmo fora do ambiente católico, as moças que saíssem as ruas vestidas de forma provocante, mesmo que sem intenção de assim parecer, chamando a atenção dos olhares masculinos, seriam punidas e mal vistas pela sociedade, sendo consideradas as causadoras de pecados, como a luxúria, ao despertar os sentimentos mais mundanos nos rapazes.

Paralelo a essas regras acerca do vestuário feminino, havia as mulheres que rompiam com os discursos católicos, pois a modernidade também modificava a maneira de se vestir. Os tempos vigentes exigiam mudanças estéticas e de personalidade, como a maneira de falar, agir, e se vestir. Para Svendsen:

A beleza na moda não deveria ser buscada na atração de algo eterno, e de maneira nenhuma em qualquer funcionalidade, mas na pura temporalidade.

¹⁵³ LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁵⁴ LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

¹⁵⁵ A MODA e a moral. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 1, 01 jan. 1954, p.4.

Para a estética moderna, a beleza reside no temporal, no transitório que é absolutamente contemporâneo.¹⁵⁶

Implica dizer que a moda depende do momento histórico em que está inserida e o que antes era tido como atual, passa a ser ultrapassado e cafona. Para se adequar a essas mudanças, muitas mulheres romperam com essas barreiras e passaram aos poucos a mudar seus guarda-roupas. Porém, a Igreja ainda continuava firme e forte com os seus princípios. A respeito da mudança nas vestimentas femininas, a Igreja lança uma crítica ferrenha:

Um das manifestações visíveis da inversão de valores que vai dominando todas as camadas sociais é a facilidade com que as mulheres passaram a vestir-se com trajes masculinos. [...] Antes do mais, é preciso dizer que mulher que veste calças compridas e se apresenta com roupas usadas até agora pelos homens, está dando uma triste demonstração de debilidade mental. Não passa de uma copista sem inteligência, que vê nos trajes masculinos a melhor forma de apresentar personalidade.¹⁵⁷

Dessa maneira, é visível a insatisfação da Igreja Católica ao ver as inversões de valores, onde mulheres passam a vestir-se como homens, usando a calça comprida como peça do vestuário. São tidas como débeis mentais, sem inteligência e sem personalidade. Contrapondo o que a Igreja determinava, em Picos, Mundica Fontes quebrou esses paradigmas, retratando que:

Eu era meio rebelde. Eu não gostava muito de regras de comportamento não. É tanto que as mulheres não usavam calças compridas aqui e teve uma época que uma prima minha veio, ela morava em Brasília, foi logo que fundou Brasília né, eles foram embora, aí ela morou em São Paulo, depois foi pra Brasília e ela veio passear aqui (*em Picos*), aí nós fomos sair a cavalo na cidade, ela andava de bermuda, não era nem calça comprida, era no joelho, tinha os cabelos grandes, e a cidade parou. Todos os comércios pararam só pra olhar né, e meu tio viu aquela história toda e foi contar a meu pai, meu pai reclamou, proibiu, e eu cortei, naquele tempo eu não usava nem calça comprida, eu fiz o molde e fiz uma bermuda pra mim, eu mesmo costurei e fui passear na rua, foi o maior “rebu”¹⁵⁸, acho que foi porque eu usei bermuda, né? Ai meu pai não deixava eu usar, era no joelho, mas eu passei a usar, porque eu achei muito bonito o traje dela.¹⁵⁹ [grifo nosso]

Ao analisar esse fragmento de memória, percebe-se que Mundica Fontes estava em época de transição no seu modo de vestir-se publicamente, recebendo influências de fora. Ao frequentar a igreja, sempre ia bem vestida, usando as peças normatizadas pela Igreja Católica,

¹⁵⁶ SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 29.

¹⁵⁷ L. S. Mulher vestida de homem. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 27, 21 nov. 1948, p.3.

¹⁵⁸ Rebu era uma expressão da época que significava reboliço, movimento.

¹⁵⁹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

como o véu e o bolero. Porém, ao sair às ruas, optava por roupas mais despojadas e tidas como símbolo da modernidade que chegara gradualmente a Picos. Em outro fragmento de memória, Mundica¹⁶⁰ relembra, já por volta da década de 1970, que tinha uma amiga que levava um tubo de linha e uma agulha para a Escola Normal, e ao sair dobrava e alinhavava a barra da saia ou do vestido, pra ficar curtinho, acima do joelho, e iam para os locais de sociabilidades picoenses.

Para analisar essa relação entre Igreja Católica e mulher, cabe apropriar-se dos conceitos de Táticas e Estratégias, de Michel de Certeau, para o autor estratégia é tida como uma forma de autoridade, “é o cálculo (ou uma manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado”¹⁶¹ podendo ser representada por uma instituição ou até mesmo por um único indivíduo que possui status de ordem dominante, sendo a Igreja Católica a instituição dominante em questão, que tem o poder de influenciar e normatizar a vida da população. A tática por sua vez é apresentada como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis, ou seja, é na ausência das estratégias que as táticas surgem.

¹⁶⁰ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

¹⁶¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Op. cit., p. 93.

4. CAPÍTULO 3 - EMANCIPAÇÃO FEMININA: sonhos de adolescente

A década de 1950, marcada por um cenário pós Segunda Guerra Mundial¹⁶², fez emergir no Brasil um maior embate acerca da emancipação feminina. Tudo isso deriva da ida dos homens aos campos de batalha, deixando o lar e a família em segundo plano, dedicando-se exclusivamente ao seu papel patriota. A mulher então teve que assumir os papéis que antes eram essencialmente masculinos, como o trabalho fora de casa, a fim de continuar provendo o sustento da família.

Com o fim da guerra e a volta dos homens ao ambiente doméstico, as mulheres tiveram as suas “liberdades” interrompidas e foram obrigadas a voltar ao lar, e continuar a exercer os papéis vocacionais de mulher mãe, dona de casa e esposa. Como afirma Pinsky:

Repercutem por aqui campanhas governamentais estrangeiras de incentivo aos valores tradicionais da família, às virtudes da maternidade e à dedicação exclusiva da mulher ao lar para que os homens reassumam seus postos de trabalho abandonados com o advento da guerra (ocupados, então, por mulheres) e para que a sociedade “volte a ser o que era”.¹⁶³

“Voltar a ser o que era” se fazia difícil para as mulheres da época, visto que estas gozavam de certa liberdade no período da ausência dos maridos. Em resultado desse período, as discussões brasileiras acerca da emancipação feminina tiveram um considerável aumento nos anos cinquenta, ampliando-se ainda mais nos anos sessenta e consolidando-se anos depois.

Essa emancipação feminina de fato não se consolidou nos anos sessenta, mas abriu um leque de possibilidades para serem analisadas e discutidas. Em Picos-Piauí, o que se observa é uma sociedade dual, onde de um lado tinha as mulheres que continuavam a exercer papéis essencialmente femininos, estereotipados e normatizados principalmente pela Igreja Católica, como também havia as mulheres que rompiam com os padrões da época, e decidiam pelo afastamento do seio familiar e a continuação dos estudos, sendo apelidadas de “solteironas” ou que “acabaram ficando para titia”¹⁶⁴.

¹⁶²Para mais informações acerca do contexto mundial do pós-guerra, ver: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁶³ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres nos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 19.

¹⁶⁴ “Ficar para titia” – expressão popular utilizada para moças que não quiseram casar, nem constituir família.

Além dessa dualidade entre jovens de família e as solteironas, ainda havia as mulheres tidas como perdidas, que nem integravam os mesmos ambientes sociais que as demais, sendo totalmente excluídas e discriminadas pela população, ficando a margem da sociedade. Eram consideradas como um perigo para a honra e a moral das famílias e da sociedade como um todo.

Contrapondo os discursos católicos acerca da mulher mãe, dona de casa e esposa, visto no capítulo anterior, o que se via na urbe interiorana também eram jovens marcadas por sonhos, até então impossíveis de realizar, em contraste com uma sociedade julgadora e arraigada de costumes tradicionais.

4.1 As Evas

Rebatendo o ideal de mulher analisado no capítulo anterior, este tópico versa sobre a condição feminina tida como transgressora. Dessa forma, essas mulheres eram comparadas à Eva, símbolo do pecado e da imoralidade, pois iam contra todos os princípios defendidos pela Igreja Católica e pela sociedade. As Evas, mulheres modernas, que se contrapõem totalmente à figura de Maria, e que de acordo com Pereira, “dentro das representações católicas, estava entre modelos temporais de Maria Santíssima ou de Eva, que, dentro do contexto do discurso católico, respectivamente, eram representados pelas insígnias de “moças antigas ou católicas” e “moças modernas.”¹⁶⁵

De um lado havia as solteiras, que embora sejam mal vistas pela sociedade, por não cumprirem seu destino natural de ser uma boa mãe, esposa e dona de casa, tinham sua honra e prestígio parcialmente preservados, mas de outro lado havia as meretrizes, que eram julgadas e discriminadas, ficando a margem da sociedade. É importante observar que a distância entre as duas condições é ampla, visto que a segregação e a discriminação eram características profundas na cidade de Picos nos anos sessenta.

4.1.1 Sozinha por opção ou por consequência: as celibatárias

Era um machismo que ainda hoje a gente pensa que não prevalece, mas prevalece, e como prevalece! A gente achava que o machismo não deveria existir dentro assim da própria justiça, que julga né, no caso assim como o divórcio, a mulher é massacrada, é judiada, é excretada. Que apesar de muitas conquistas, a mulher é muito discriminada ainda, prevalece à lei dos

¹⁶⁵ PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). Op. cit., p. 202.

homens, apesar da mulher ter dado muito passo adiante, muitas conquistas, mas o machismo ainda prevalece.¹⁶⁶

Ao perguntar como a sociedade lidava com as mulheres da década de 1960, em Picos, Mundica Fontes relembra os tempos de outrora com bastante revolta e insatisfação. Tem memórias de uma sociedade machista e preconceituosa, que não admitia o avanço social feminino, visto que a mulher nessa época ainda deveria seguir padrões para ser aceita em sociedade, e para ter o nome de sua família respeitado.

Mundica Fontes não era a única exceção. Outras jovens também começaram a ir contra os padrões da sociedade e aos discursos e práticas da Igreja Católica, mas esse rompimento não tinha cunho essencialmente revolucionário, era resultado também de uma modernidade que chegava a ritmo acelerado. De acordo com Oliveira¹⁶⁷, as transformações que assolavam o mundo, em especial Picos–Piauí, eram lentas, pois ainda eram marcadas por um contraste com os antigos valores sociais, visto que mudanças sejam elas em qual perspectiva for, são lentas e graduais, havendo sempre o contraste entre o “velho” e o “novo”.

Nos anos cinquenta e sessenta, a melhor opção proferida pela sociedade, segundo argumenta Pinsky, era a de que “maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem contestação”¹⁶⁸. Castelo Branco afirma que para o pensamento tradicional, sobretudo a Igreja Católica, “a mulher deveria continuar a sua vida voltada aos espaços domésticos e ao cuidado com a casa e os filhos”¹⁶⁹. Porém, muitas jovens picoenses optaram por não casar-se, nem ter filhos e, mesmo que não fosse a melhor alternativa, preferiram continuar os estudos, para em seguida trabalhar e não dependerem dos cuidados masculinos. Como afirma Maria Nunes, em depoimento a Karla Oliveira: “o melhor marido é o emprego. Que tu manda nele, na hora que tu quer, dorme com ele, quando não quer guarda, acaba e joga fora! Era do tempo minha filha, que casamento valia a pena”¹⁷⁰.

Algumas jovens também não se casaram devido não conseguirem se desligar dos laços maternais, paternais e fraternais, permanecendo em casa para o cuidado dos pais e/ou dos irmãos. Mundica Fontes relembra:

¹⁶⁶ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

¹⁶⁷ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Op. cit., p. 66.

¹⁶⁸ PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 609.

¹⁶⁹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005, p. 153.

¹⁷⁰ MAIA, Maria Nunes. *Depoimento concedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2013.

Tive muitos namorados, namorei e tudo, mas é porque depois eu comecei a estudar e eu cuidava muito dos meus pais, me dediquei muito à família, e meu pai quando eu tinha um namorado que eu gostava muito, ele não queria, aí pra não desgostar minha família, eu acabava. Teve até um que eu tive pena, porque eu tive que acabar, porque ele não queria e eu devia obediência a meus pais.¹⁷¹.

Fica evidente, a partir da memória de Mundica Fontes, que continuar os estudos se constituiu como uma porta de entrada para a sua libertação enquanto mulher, visto que ela continuou os estudos e fala orgulhosa que conseguiu se formar, tempos depois, em ciências biológicas, realizando seu sonho de infância. Os estudos ainda, de acordo com Mundica Fontes, a deixou mais exigente:

A idade foi chegando, o tempo foi passando e foi ficando mais difícil e eu muito exigente... Não era que eu queria homem bonito nem rico, mas homem burro pra mim não dava, tinha que ser um homem muito inteligente e eu também não gostava de homens que bebesse nem fumasse, e naquela época só mostrava se era homem se bebesse ou fumasse.¹⁷².

A exigência surge concomitantemente com a sua valorização enquanto mulher, ao perceber que pode mudar o seu destino sozinha, sem necessariamente precisar constituir família, ter marido e filhos. Não se via obedecendo o marido, pois de acordo com a depoente¹⁷³, ela gostava muito de sair, gostava de passear, dos piqueniques, das tertúlias, gostava de viajar, mas ressalta que as viagens na maioria das vezes eram com os grupos da Igreja.

Como aborda Cardoso em seus estudos, a partir de 1950 e 1960, “ingressar nas instituições de ensino de terceiro grau aspirando a uma futura profissionalização ia se tornando uma prática feminina recorrente”¹⁷⁴, e em Picos, algumas jovens tiveram o privilégio de prosseguir os estudos e fazer a Normal Superior, como relembra Maria Gonçalves Leal¹⁷⁵ em entrevista oral. Oliveira destaca:

O destino educacional para as moças, quando concedido pelos pais, era a *Escola Normal*, pois, apesar de possibilitar uma saída do aprisionamento do lar, preparava-as para a profissionalização, mais permitida e impregnada na

¹⁷¹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. 2003. 180 f. (Dissertação). Teresina: F.C.M.C., 2003.

¹⁷⁵ LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

condição feminina, a de ser professora. Esta se configurava em um jogo de relações; o ser professora aproximava as moças do ser mãe, por meio do cuidado que estas deveriam ter com seus alunos.¹⁷⁶

A educação repassada na Escola Normal refletia sobre as disciplinas de Educação Doméstica, ensinando às jovens mulheres atividades como culinária, bordado, prendas domésticas, costura, economia do lar e puericultura¹⁷⁷, reafirmando ainda mais uma educação que certificasse a feminilidade da mulher. Segundo Oliveira “a escola enquanto instituição disciplinadora motivava a educação feminina para que, instruídas, as mulheres não corressem o risco de manchar sua honra. Deveriam adquirir consciência de submissão e veneração ao homem, para delinear o seu lugar na sociedade.”¹⁷⁸

Corroborando com o pensamento de Oliveira, em relação aos trabalhos fora do ambiente doméstico indicados para as mulheres após a conclusão dos estudos, em sua maioria estavam ligados ao magistério, pois de acordo com Maia¹⁷⁹, o magistério resgataria as funções de mãe e educadora, ao se doar ao outro, como forma de realização profissional.

Além dos estudos, outros fatores podiam influenciar as mulheres a não quererem casar, como frustrações amorosas ou até mesmo a decisão pelo não-casamento, como retrata Dona Catarina, que diz: “acho que não nasci para casar não, que eu até arranjei muito casamento, mas (não casei) e não tô arrependida”.¹⁸⁰ Além disso, ainda há a questão da liberdade, que muitas mulheres não se viam obedecendo ao marido, como pregava os discursos a favor da família conjugal. Conforme Maia:

Ao permanecerem solteiras e fora do controle “jurídico” de um marido, parece que as mulheres poderiam exercer mais “livremente” suas escolhas e constituir outros modos de vida fora daquele oferecido pela família conjugal. O celibato feminino pode ser pensado, assim, como uma recusa ao contrato de casamento que implica e legitima a subordinação das mulheres mascarada num “pacto desigual”, no qual a esposa deve obediência a seu marido em troca de proteção.¹⁸¹

¹⁷⁶ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetata: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado de História do Brasil). Universidade federal do Piauí: Teresina, 2014, p. 44.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ MAIA, Claudia Jesus. *A Invenção da Solteirona: conjugal idade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890 – 1948)*. 2007. 319 p. (Doutorado em História). Universidade de Brasília: Distrito Federal, 2007, p. 170.

¹⁸⁰ LEAL, Catarina de Carvalho. Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz. Picos, 2015.

¹⁸¹ MAIA, Claudia Jesus. *A Invenção da Solteirona: conjugal idade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890 – 1948)*. 2007. Op. cit., p. 147.

Dessa forma, o ideal de liberdade conjugal estava começando a ser discutido e praticado, mas vale ressaltar que as jovens solteiras não tinham os mesmos valores de uma mulher casada. A mulher casada era protegida pelo marido, não dava oportunidade para falatórios, pois se dedicavam exclusivamente para a satisfação do marido e ao cuidado dos filhos e do lar, já as “titias”, por escolha ou consequência, ainda eram julgadas e discriminadas pela sociedade, atitudes estas que só mudarão décadas depois.

Ser solteira nos anos sessenta requeria muita cautela e valorização, principalmente do corpo. O julgamento aumentava ou diminuía à medida que a sociedade vigiava a sua castidade, pois como nunca tinham se casado, não podiam também ter relações sexuais, e caso tivessem, estas eram aproximadas às prostitutas, como observa Maia¹⁸² em seu trabalho.

De acordo com Oliveira¹⁸³, as mães com princípios católicos educavam suas filhas para que seguissem o modelo de Maria, preservando a sua castidade, visto que se a jovem se renegou ao casamento, tinha como obrigação se renegar ao sexo também. Manter-se virgem até o casamento demonstrava o valor moral que as jovens da época tinham. Cardoso também faz uma análise acerca da pureza feminina: “para as mulheres, o que dava direito ao exercício da sexualidade era o matrimônio. A iniciação sexual desse espaço legítimo implicava desqualificação social”¹⁸⁴, e aquelas que usufruíam do corpo fora desse espaço legítimo, eram condenadas e aproximadas às prostitutas.

E mesmo as solteiras tinham que se manterem castas, como Maria Maia, que nunca se casou, confessa em entrevista oral à Karla Pinheiro:

A vida é certa, da cintura pra cima pode fazer tudo, da cintura pra baixo tem que respeitar. Foi assim que a gente foi criado. Pelo simples fato de você arranjar um namoro, num é pra ir pra cama não, porque se for desse jeito você vai terminar fuleira. Se hoje namora com um vai pra cama, amanhã namora com outro também... Assim você tá sendo um objeto viu. Então todo mundo tinha respeito, era conscientizado disso: “Olhe, só se faz isso depois do casamento. Antes do casamento não pode, é pecado.” Sempre tinha esse tabu, aí nós mais antigas, observávamos isso. Eu pelo menos num me queixo não, não me pesa, ainda hoje tô com a minha aqui. Num me pesa não, pode falar o que quiser, não tem problema. Tenho a consciência tranquila, também se eu quisesse dar, num tinha que dar satisfação a ninguém. Mas sempre foi um respeito, religiosamente falando, os pais sempre ensinaram isso.¹⁸⁵

¹⁸²Ibidem, p. 256.

¹⁸³ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetata: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. Op. cit., p. 115.

¹⁸⁴ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010, p. 196.

¹⁸⁵MAIA, Maria Nunes. *Depoimento concedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2013.

Assim, em meio a essas singelas mudanças comportamentais, os preceitos ditados pela sociedade e os ensinamentos católicos ainda permeavam a vida das mulheres solteiras picoenses, como salienta a depoente. Todos tinham a consciência de que relações sexuais só poderiam acontecer após o matrimônio, concluindo que quem nunca se casou, seja por qualquer motivo, também tinham que se manterem intactas em relação à virgindade.

O trecho “também se eu quisesse dar, num tinha que dar satisfação a ninguém”, demonstra o quanto a liberdade feminina já estava pairando o pensamento jovem da época. Porém completa com a frase “mas sempre foi um respeito, religiosamente falando”, demonstrando o quanto era educada aos moldes cristãos, e permanecia virgem por questões de criação, seguindo os ensinamentos herdados dos pais.

Diante dos fatos, qual era a opção mais seguida pelas mulheres no cenário picoense: transgredir, obedecer ou meio termo? Demonstrando mais uma vez que as mudanças são lentas e graduais, e a modernidade ainda entrava em contraste com os valores morais de uma sociedade tão tradicional.

4.1.2 O olhar do “outro” sobre as meretrizes

Perdidas, mulheres da vida, meretrizes, desfrutáveis, raparigas ou prostitutas eram as variadas nomeações que algumas mulheres picoenses, geralmente pertencentes à camada social mais baixa, recebiam. Os motivos que as levaram para esse caminho eram diversos, mas neste tópico a intenção¹⁸⁶ é propor uma análise sobre a visão da sociedade acerca dessa condição.

O preconceito, típico de uma sociedade machista e tradicional, era o que guiava os pensamentos acerca dessa categoria, visto que essas mulheres podiam ser consideradas o mal que permeava a sociedade. De acordo com as memórias das depoentes, as moças de família não podiam frequentar o mesmo ambiente das mulheres perdidas, pois podiam ter a sua reputação abalada também. Se a segregação social entre as camadas mais abastadas e as mais baixas era intenso, a separação entre jovens de família e mulheres perdidas era maior ainda. Dona Angelina relembra que o preconceito com as mulheres naquela época era muito grande, e “as mulheres meretrizes, essas era que eram discriminadas mesmo”.¹⁸⁷

¹⁸⁶ Não foi feita uma análise aprofundada acerca da vida das jovens que sofreram preconceito na época. Assim, esse tópico discutirá apenas como essas mulheres eram vistas pela sociedade da época, sem mostrar o “outro lado” da história.

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Angelina Maria de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

O convívio com as mulheres tidas como perdidas se fazia difícil em uma sociedade tão tradicional. Ser namoradeira, ter filho fora do casamento ou ser abandonada pelo homem que manteve relações sexuais era motivo de falatórios, especulações e boatos, como relembra Mundica Fontes:

Eu tinha até uma prima, tenho uma prima, ela é viva ainda hoje, e ela não gostava, ela dizia que não suportava que “eu vou dizer a seu pai, que você fica falando com essas raparigas no meio da rua, são raparigas e você sabe que ela é e você fica conversando com ela no meio da rua, ela é mal falada”, ela dizia que não queria nem que passasse na calçada dela.¹⁸⁸

Através desse fragmento de memória, percebe-se que não podia nem cumprimentar uma mulher com a reputação duvidosa, que já era motivo de brigas e contestações. Uma jovem de família tradicional não podia nem estar no mesmo ambiente que as mulheres perdidas, pois a sua reputação poderia ser abalada com o contato. Complementando esse ponto, Mundica ainda recorda:

A gente tinha uma pessoa, que era amiga da gente, e ela engravidou mãe solteira, aí as amigas romperam com ela e quando eu encontrava com ela eu falava, eu abraçava, eu ia a casa dela né, e a mãe dela nunca tinha aceitado e ela foi embora e morreu longe daqui e nunca mais voltou. Era tão discriminada!¹⁸⁹

Esse trecho remonta ao fato de que até a família discriminava as moças que tinham filhos sendo mães solteiras. Ser mãe solteira naquela época significava que a jovem não preservou a sua castidade, então eram comparadas as mulheres perdidas. A atitude de Mundica Fontes em relação a sua amiga demonstra que se enquadrava a uma exceção em relação a uma sociedade tão preconceituosa. Maria Gonçalves também fala que “cada qual vive sua vida, elas têm o respeito delas, eu também tenho o meu, elas me respeitam, eu não tenho muito assim preconceito, elas tem a vida delas particular e eu tenho a minha.”¹⁹⁰

Havia uma vigilância muito grande dos pais em relação à boa reputação das filhas, visto que a honra da família, assim como o nome da filha, não podia ser abalada. Quando os pais iam reclamar pela proximidade com as jovens perdidas, Mundica Fontes sempre falava: “mas eu não tô amiga dela, eu não tô saindo com ela, só porque eu falei com ela?”¹⁹¹

¹⁸⁸ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁸⁹ Idem

¹⁹⁰ LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁹¹ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

Embora discriminadas pela sociedade, Oliveira destaca que “os grupos católicos trabalhavam com esse público, no sentido de levar autoestima às prostitutas, de ensinar uma profissão, para que elas tivessem condições de sair da vida de “miséria” material e espiritual e fizessem parte da sociedade.”¹⁹² Assim, nota-se que ao mesmo tempo em que a Igreja ditava regras de conduta e comportamento, como a ideia de mulher perfeita, também tentava inserir novamente as mulheres perdidas na sociedade, ensinando-as algum ofício, como bordado, costura, culinária, através de projetos de ressocializações.

Mesmo havendo esses projetos sociais, as jovens que participavam dos grupos de jovens da Igreja Católica tinham que ir escondidas até as zonas de meretrício¹⁹³, para exercer seus papéis de solidariedade, pois seus pais não podiam saber, mesmo se fossem acompanhadas com os membros da igreja, como padres e freiras. A vigilância em cima das jovens era muito grande, como relembra Mundica Fontes¹⁹⁴, ao dizer que tinha que ir escondida, pois sabia que os seus pais nunca iriam aceitar.

Dessa maneira, fica evidente que o olhar do “outro” em relação à condição das jovens mal faladas na década de sessenta é de muito preconceito, havendo assim uma intensa segregação, principalmente em locais públicos.

4.2. Sonhos juvenis: entre o desejar e o realizar

I

Meu sonho era morar na cidade. Eu sonhava morar na cidade, aí eu vim morar na casa do meu irmão aqui, quando eu cheguei aqui eles não me incentivaram a continuar a estudar né, morava nas casas alheias fiquei aí, eu fui aprender a costurar e no final eu era costureira aqui, costurei muito.¹⁹⁵

II

Sonho mesmo de aprender eu não aprendia, porque eu tinha vontade de estudar né, mas eu só trabalhava nas casas de família. Naquele tempo tudo era difícil, o sonho era estudar, mas não deu.¹⁹⁶

III

¹⁹² OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetata: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. Op. cit., p. 123.

¹⁹³ Região de uma cidade conhecido por abrigar a prática da prostituição.

¹⁹⁴ MOURA, Mundica Fontes de. *Depoimento concedido a Karla Ingrid de Oliveira*. Picos, 2013.

¹⁹⁵ LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁹⁶ OLIVEIRA, Angelina Maria. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

No meu tempo, o adolescente ele não sonhava, não tinha nada, não tinha um rádio, não tinha uma televisão, só era a escrita falada, ouvir o que diziam, eu sonhava que se eu estudasse muito eu seria uma farmacêutica.¹⁹⁷

IV

Meu sonho, eu nunca tive sonho assim de casar e ter filhos não, assim, eu pensava em ir mais adiante, meu sonho era estudar, era viajar muito, conhecer o interior, que eu nunca realizei que hoje eu poderia até realizar, mas hoje não quis mais, né?!¹⁹⁸

Nas memórias citadas anteriormente, os sonhos¹⁹⁹ de adolescentes eram os mais variados possíveis, e é perceptível o quanto o sonho de continuar os estudos e mudar de vida transcorria na mente das jovens e, dependendo das condições financeiras, as aspirações eram ainda mais audaciosas.

Na primeira narrativa, aparece a fala de Catarina Leal²⁰⁰, que por morar em um povoado rural pertencente ao município de Picos, tinha o sonho de morar no meio urbano, para que assim pudesse prosseguir os estudos. A vida ao chegar a Picos tornou-se ainda mais difícil, porquanto teve que morar de favor na casa de parentes, mas não possuía o incentivo necessário para continuar estudando e acabou aprendendo uma profissão, para poder se manter na cidade. Aprendeu a costurar e se tornou uma renomada costureira na cidade de Picos.

Já Angelina Maria²⁰¹, de família mais humilde, fala em depoimento oral, que até conseguiu estudar, pois em uma época de sua vida foi morar em Teresina, e lá estudou no Colégio Patronato Dom Barreto. Porém as condições precárias da época, e o seu casamento, fizeram com que ela voltasse para Picos. Tinha o sonho de continuar a estudar, mas não teve esse privilégio, pois acabou se tornando empregada doméstica, para ajudar nas despesas de casa.

A lembrança número III, de Maria Gonçalves²⁰² é ainda mais corajosa, pois o seu desejo era de estudar muito para tornar-se uma farmacêutica, profissão esta que na época tinha cunho mais masculinizado, visto que os ofícios femininos na época eram ligados às prendas

¹⁹⁷ LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁹⁸ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

¹⁹⁹ Nessa monografia, sonhos é sinônimo de aspirações, desejos.

²⁰⁰ LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

²⁰¹ OLIVEIRA, Angelina Maria. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

²⁰² LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

domésticas, ou ainda ser professora. Por último, a fala de Mundica Fontes²⁰³ demonstra uma audácia ainda maior. Em contraponto com as demais depoentes, Mundica vai contra todos os padrões femininos da época, ao falar que não tinha o sonho de casar-se, nem ter filhos.

É difícil compreender uma totalidade, visto que a cidade de Picos era marcada por uma heterogeneidade de perfis femininos, porém através das entrevistas tem-se uma ideia de como os estudos estavam ligados com suas realizações pessoais e profissionais. Continuar os estudos, para muitas famílias picoenses, ficava em último plano, pois a prioridade repassada pela educação tinha como finalidade o casamento e a maternidade.

Os estudos, para a mulher, era uma porta de entrada para sua emancipação. Os estudos ainda não eram prioridade na época, mas para as jovens que não sonhavam em casar, nem formar família, se constituía ainda como a melhor opção. Em Picos, essa emancipação não aconteceu, mas os anos sessenta e suas diversas transformações foram essenciais para uma maior reflexão feminina acerca do seu papel em meio à sociedade.

Como foi discutido no capítulo 1, os anos sessenta, em termos mundiais, foram palco da segunda onda do feminismo, que tinha como foco essencial lutar contra as disparidades entre os homens e mulheres, seja em termos sociais, como também salariais. Considerando o nível de atraso de Picos em relação ao restante do país, em entrevista à Karla Pinheiro, Mundica Fontes relembra um caso que aconteceu já nos anos setenta:

Das mulheres eu não lembro, só lembro de um protesto que uma moça fez, já nos anos 70, ela foi desfilando nas escolas de samba, que aqui tinha muitas na época, Portela, Vai Vai, Verde e Amarela, e desfilavam com alegorias, e ela fez um protesto, foi em cima de um carro alegórico, eu estava fazendo parte do júri, ela simplesmente desfilou pelada, só que ela pintou o corpo todinho e o pessoal de Picos não era acostumado naquela época, imagine, nos anos 70, aí foi aquele alvoroço, aí quiseram linchar, prenderam a mulher, aí desmanchou o corpo de jurados e foi Ozildo e o pessoal tudo pra defender essa mulher, eu lembro desse movimento aí, que a mulher fez o protesto por conta da mulher ser discriminada. Porque ela queria desfilando com um maiô, e acharam que era muito nua pra ela desfilando assim, não permitiram, aí ela botou uma capa por cima e quando chegou o momento em frente aos jurados ela tirou, afinal por protesto ela tava pelada. Mas eu não lembro de protesto de muitas mulheres, lembro mais da classe estudantil que faziam passeatas, e reivindicavam direitos dos estudantes, meia entrada de cinema, circos, essas coisas.²⁰⁴

²⁰³ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

²⁰⁴ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2013.

A partir da lembrança de Mundica Fontes, o que ela presenciou foi um caso isolado de uma mulher que não entendia o porquê de ser discriminada, então tirou a roupa em forma de protesto.

De acordo com as pesquisas e fontes, constatou-se que a cidade de Picos não foi palco de lutas feministas em defesa dos seus direitos por volta dos anos cinquenta e sessenta. Passeatas, muitas mulheres lutando por seus ideais, consciência política e social, ainda não faziam parte da consciência da maioria da juventude feminina na época, mas os sonhos de viver em uma sociedade com mais igualdade de gênero já permeava na mente das jovens mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo as mulheres não se constituíam como objeto de estudo na historiografia mundial, nacional e principalmente local. Suas histórias foram silenciadas e até mesmo apagadas, mas através de lutas, embates e discussões, a História das Mulheres passou a se constituir enquanto campo do saber historiográfico. Por esta razão, o propósito deste trabalho foi o de inserir ainda mais a mulher na historiografia brasileira, enveredando por uma história local, de mulheres picoenses que viveram a sua juventude em meados do século XX.

Neste trabalho, foi feita uma análise de como os anos sessenta influenciaram a juventude feminina, principalmente no sentido de romper padrões. O que observou-se na cidade de Picos foi uma constante relação entre as fortes tradições e a modernidade que chegava de forma intensa na vida da população. Mas mediante isto, havia uma massa conservadora que ditava normas e regras que deveriam ser seguidas para que estas fossem aceitas em meio social, a exemplo da Igreja Católica, que além de estar diariamente presente na vida da população, também utilizava de meios impressos para persuadir, principalmente as mulheres, que era o seu público alvo, a se manterem fieis aos princípios cristãos.

Esse controle social proposto pela Igreja Católica ia desde o âmbito doméstico, normatizando como a mulher perfeita deveria se comportar, para se tornar uma moça e posteriormente uma mulher perfeita, aceita em sociedade, para constituir família e ter filhos, como também determinava como esta deveria se comportar em meio público, cujo papel era sempre prezar pela honra e harmonia familiar.

O jornal católico *O Dominical* se constituiu como a principal fonte do trabalho, juntamente com as memórias das depoentes que viveram sua juventude na cidade de Picos. Em relação às duas fontes, ora se complementavam, ora se divergiam, visto que ao passear pelas memórias das mulheres picoenses, protagonistas da pesquisa, o que nota-se é uma sociedade bastante heterogênea, contrastando entre os modelos ideais de mulher (mãe, esposa e dona de casa), com mulheres consideradas transgressoras (solteira e meretrizes) para a época. Mudanças são lentas e graduais e Picos, urbe do interior do Piauí, aos poucos foi absorvendo as transformações e se enquadrando ao restante do país.

Embora já existam trabalhos que primam sobre a condição feminina na cidade de Picos, na época em questão, é interessante observar que essa pesquisa também se faz importante, visto que cada pesquisador-historiador tem a sua própria e singular maneira de

interpretar e analisar as fontes. O jornal *O Dominical* abriu possibilidades para entender como os meios de comunicação auxiliavam o segmento católico a manter vivos os princípios cristãos na vida da população, visto que a Igreja Católica estava lutando para manter o seu prestígio em meio a tantas mudanças que estavam acontecendo.

6. FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES:

a) Orais

LEAL, Catarina de Carvalho. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2015.

LEAL, Maria Gonçalves. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

MAIA, Maria Nunes. *Depoimento concedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2013.

MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Karla Ingrid de Oliveira*. Picos, 2013.

MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

OLIVEIRA, Angelina Maria de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Millena Araújo Carvalho*. Picos, 2013.

b) Hemerográficas:

A FAMÍLIA que reza é uma família que sabe viver bem. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 8, 28 fev. 1954, p. 1.

A MODA. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 22, 31 mai. 1953, p. 2

A MODA e a moral. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 1, 01 jan. 1954, p.4.

CONTRA O divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 18. 01 maio 1960. P. 2

DIAS, Antônio Conde. A família. *O Dominical*. Teresina, ano XIII, nº 79, 20 nov. 1949, p. 2.

EM DEFESA da família. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 30, 12 dez. 1948, p. 2.

L. S. Mulher vestida de homem. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 27, 21 nov. 1948, p.3.

OS BONS costumes. *O Dominical*. Teresina, ano XX, nº 9, 26 fev. 1956, p. 3.

O DIVÓRCIO e os filhos. *O Dominical*. Teresina, ano XIX, nº 4, 23 jan. 1955, p. 1.

O MATRIMÔNIO é indissolúvel. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 48, 08 dez. 1954, p. 2.

ORAÇÃO da dona de casa. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 7, 15 fev. 1953, p. 1.

PARA ENFRENTAR a decadência moral, as virtudes cristãs. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 51, 01 jan. 1955, p. 2.

QUATRO QUALIDADES. *O Dominical*. Teresina, ano XII, nº 22, 21 nov. 1948, p. 3.

SALMO da mãe. *O Dominical*. Teresina, ano XXVII, nº 19, 13 mai. 1962, p. 1.

SARAIVA José Ayrton. Maria, Mãe e Modelo dos Congregados. *O Dominical*. Teresina, ano XVII, nº 19, 10 mai., 1953, p. 1.

SOARES, Pe. Luís. A família. *O Dominical*. Teresina, ano XXX, nº 48, 21 nov. 1965, p. 1.

SOARES, Pe. Luís. Picos em Foco. *O Dominical*. Teresina, ano XXIX, nº 43, 15 nov. 1964, p. 2.

TRINDADE, Dom Frei Henrique. Apêlo a Dignidade Feminina. *O Dominical*. Teresina, ano XVIII, nº 1, 01 jan. 1954, p. 2.

REFERÊNCIAS:

a) Livros

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960a.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960b.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. —São Paulo : Contexto, 2006.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. Ed. Ver. Ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LINHARES, M. Y. (Org.); CARDOSO, C.F.S.; SILVA, F.C.T. da; MONTEIRO, H. de M.; FRAGOSO, J.L.; MENDONÇA, S.R. de. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. – (Estudos; 180)

PAUL, Thompson. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres nos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Vol. 2, nº 20, jul./dez. 1995.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção História &... Reflexões, 14).

b) Capítulos de Livros e Artigos

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Teresina, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder*. In: *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, p. 15-23, jun. 2010.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOUSA, Nalva Maria Rodrigues de. *Entre a casa e a rua: mudanças no cotidiano feminino em Teresina na década de 1970*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

c) Monografias, Dissertações e Teses

BRITO, Nilvon Batista de Sousa. *Contracultura, oralidade e transgressão no interior do Piauí (1960/1970)*. Picos-Pi. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros – Picos, 2011.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. 2003. 180 f. (Dissertação). Teresina: F.C.M.C., 2003.

_____. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália*. 2004. 289 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco: Recife, 2004.

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidades em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade federal do Piauí: Picos, 2012. Orientada pela Prof.^aMa. Marylu Alves de Oliveira.

MAIA, Claudia Jesus. *A Invenção da Solteirona: conjugal idade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890 – 1948)*. 2007. 319 p. (Doutorado em História). Universidade de Brasília: Distrito Federal, 2007.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004

OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetata: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado de História do Brasil). Universidade federal do Piauí: Teresina, 2014.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 78 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. Orientada pela Prof^aMa. Marylu Alves de Oliveira.

PEREIRA, Luciana de Lima. *A Igreja Católica em “tempos mundanos”*: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2008. Orientada pela Prof^aDr^a Áurea da Paz Pinheiro.

ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983)*: (En) cantos das gerações. 2011. 48 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí – Campus Sem. Helvídio Nunes de Barros – Picos, 2011.

d) Páginas da internet

MATOS, Maria Izilda Santos de. *História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas*. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/262-mandragora/v19n09/2055-v19n19a01.html> . Último acesso em: 14 fev. 2016.

MEDAGLIA, Júlio. *Iê-iê-iê, alegria, alegoria*. Revista Cult (UOL). Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/ie-ie-ie-alegria-alegria/> . Último acesso em: 16 dez. 2015.

Portal Genealógico da família Luz. Disponível em: http://www.familialuz.com.br/picospi_aspectoshistoricos.php . Último acesso em: 16 dez 2015.

Portal Alma Carioca – História do Rio de Janeiro: Fundação da cidade, Estácio de Sá. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/historia.htm>

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*: descobrindo historicamente o gênero. Edita: CNT – Compostela, 2012. Disponível em: <http://www.cntgaliza.org/files/rago%20genero%20e%20historia%20web.pdf> Último acesso em: 23 fev. 2016.

ANEXOS

CARTA DE CESSÃO

Picos, 27 de janeiro de 2016.

Eu, CATARINA DE CARVALHO LEAL, RG nº 575.513, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais da minha entrevista, efetuada no dia 04/12/15, para MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ usá-la, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a referente data.

Abdicando de direitos meus ou de meus descendentes, quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Catarina de Carvalho Leal
NOME DO DEPOENTE

CARTA DE CESSÃO

Picos, 27 de janeiro de 2016.

Eu, **MARIA GONÇALVES LEAL**, RG nº 2114168, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais da minha entrevista, efetuada no dia 19/01/16, para **MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ** usá-la, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a referente data.

Abdicando de direitos meus ou de meus descendentes, quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

maria Gonçalves Leal
NOME DO DEPOENTE

CARTA DE CESSÃO

Picos, 27 de janeiro de 2016.

Eu, ANGELINA MARIA DE OLIVEIRA, RG nº 283.071, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais da minha entrevista, efetuada no dia 21 / 01 / 16, para **MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ** usá-la, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a referente data.

Abdicando de direitos meus ou de meus descendentes, quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Angelina Maria de Oliveira

NOME DO DEPOENTE

CARTA DE CESSÃO

Picos, 27 de janeiro de 2016.

Eu, **RAIMUNDA FONTES DE MOURA**, RG nº 149.492, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais da minha entrevista, efetuada no dia 22/01/16, para **MARINA PRISCILA LISBOA ARAÚJO LUZ** usá-la, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a referente data.

Abdicando de direitos meus ou de meus descendentes, quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Raimunda Fontes de Moura

NOME DO DEPOENTE



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Marina Priscila Lisboa Araújo Louz,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Entre Marias e Evras: o papel social da mulher piaçense e o
discurso católico em meados do século XX.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de maio de 20 16.

Marina Priscila Lisboa Araújo Louz
 Assinatura

 Assinatura